

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CIÊNCIAS SOCIAIS

MATHEUS MARTINS MARINHO JORGE

FUTEBOL E MEMÓRIA NOS ANOS DE CHUMBO:

Literatura, imprensa e relatos de vida de jogadores da Seleção Brasileira de 1969-1970

BELO HORIZONTE

2020

Matheus Martins Marinho Jorge

FUTEBOL E MEMÓRIA NOS ANOS DE CHUMBO:

Literatura, imprensa e relatos de vida de jogadores da Seleção Brasileira de 1969-1970

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen

Belo Horizonte

2020

AGRADECIMENTOS

Apesar da afinidade desde o Ensino Médio para com as Ciências Humanas, a graduação em Ciências Sociais foi um desafio, uma vez que a tarefa de encontrar uma área de estudos dentro do curso que me inspirasse e me estimulasse foi árdua. Nesse sentido, busquei refúgio nos grupos de pesquisa que tivessem como objeto o futebol, que me fascina desde a tenra infância. Como um raio de sol que ilumina um local escuro, encontrei o FULIA (Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes), da Faculdade de Letras (FALE), que me recebeu de braços abertos. Agradeço a todos os membros do Núcleo, especialmente ao professor Elcio Loureiro Cornelsen, pelo convite, pelo incentivo e pelas aulas mais interessantes e, ao mesmo tempo, mais divertidas de toda a graduação.

Aos meus familiares, agradeço pelo carinho incondicional de minha avó, Benice, que sempre esteve, está e estará ao meu lado em todos os momentos de minha vida. Sou imensamente grato por todo o exemplo, incentivo e irrestrito auxílio dos meus tios Marcelo e Patrícia. Agradeço à tia Fátima (*in memoriam*) e à madrinha Magda por todo apoio. Agradeço também ao meu avô Paulo (*in memoriam*), que sempre foi uma referência de retidão, paciência, superação e dedicação. Estendo os agradecimentos às minhas irmãs, Carolina e Ana, que me inspiram a evoluir sempre.

Minha gratidão aos estimados amigos e companheiros de Ciências Sociais, que nunca me faltaram: Alex, Arthur, Felipe, Gabriel, Mateus e Thiago, por todas as conversas, críticas, conselhos, auxílios, risadas e por todos os momentos compartilhados dentro e fora da faculdade.

Devo agradecer também à Alice, meu amor, por todo carinho, empatia, e por todas as alegrias imensuráveis proporcionadas nos últimos tempos.

Por fim, meus agradecimentos à Fundação Mendes Pimentel (FUMP) pelo estimado apoio e acolhimento essenciais para minha formatura.

RESUMO

A relação entre a Seleção Brasileira e o regime militar brasileiro, especialmente em seus “Anos de Chumbo” (1968-1974), é lembrada com um viés crítico, por meio do qual a tese de que o governo autoritário do general Emílio Garrastazu Médici capitalizou a imagem positiva da seleção, tendo em vista a conquista da Copa do Mundo de 1970, para fins político-ideológicos. O objetivo deste trabalho é contribuir para o debate sobre as relações entre futebol e política, em especial, nos anos de maior repressão do regime ditatorial brasileiro. Para tal, busquei revisar a literatura acadêmica sobre o tema e inserir na discussão a contribuição dos relatos de vida de alguns protagonistas dos fatos, além de acrescentar uma análise sobre a cobertura da imprensa esportiva à época. Conclui-se que, entre os estudos acadêmicos, os relatos de vida e a análise sobre a cobertura da imprensa, existem mais versões conflitantes sobre a relação entre o regime e a seleção do que confirmações documentais sobre os fatos.

Palavras-chave: futebol e política. memória e imprensa. Copa do Mundo de 1970. regime militar. Anos de Chumbo.

ABSTRACT

The relationship between the Brazilian “Seleção” (the men’s national football team) and the military regime, especially their “Years of Lead” (1968-1974), are remembered with a critical bias. General Emilio Garrastazu Médici's authoritarian regime would have capitalized on the Seleção’s positive image after the conquest of the 1970 FIFA World Cup for political and ideological purposes. The goal of this work is to contribute to the on going debate around the relationships between football and politics, with focus on the most repressive years of the Brazilian Dictatorial Regime. For such, I’ve revised the academic works on the subject, inserted on the discussion the contribution of life histories of some key characters of the events, and added an analysis on the sports press coverage of the time. It shows that among the academic studies, the life histories, and the analysis of the press coverage, there are more conflicting versions about any relationship between the regime and the Seleção than there are documental confirmations to these facts.

Keywords: football and politics. memory and press. 1970 FIFA World Cup. military regime. Years of Lead.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AERP	Agência Especial de Relações Públicas
AI-5	Ato Institucional Nº 5
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CND	Conselho Nacional de Desportos
CNV	Comissão Nacional da Verdade
EsEFEx	Escola de Educação Física do Exército
FIFA	Federação Internacional de Futebol Associado
PNE	Plano Nacional dos Esportes
SNI	Serviço Nacional de Informações

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 SELEÇÃO E POLÍTICA NO CONTEXTO DA COPA DE 1970: HISTÓRIA DE UMA RELAÇÃO.....	12
2.1 Apropriação do esporte para fins político-ideológicos: nenhuma novidade.....	12
2.2 A Copa do Mundo de 1966 e a necessidade de modernização do futebol brasileiro	16
2.3 Costa e Silva e o esporte como política de Estado.....	18
2.4 Anos de Chumbo, Médici e o futebol	21
2.5 O “pitaco” de Médici	26
2.6 Comissão técnica militarizada e o planejamento científico	29
3 RELATOS MEMORIALÍSTICOS SOBRE A SELEÇÃO NO CONTEXTO DA COPA DE 1970: IMPRENSA E RELATOS DE VIDA	32
3.1 A discussão acerca da memória	32
3.2 A memória em disputa	33
3.3 Desafios e potencialidades ao se “escrever uma vida”	35
3.4 Lejeune e a autobiografia.....	36
3.5 A memória da Copa de 1970.....	38
3.6 A imprensa e a Copa de 1970: uma análise da revista <i>Placar</i>	39
3.6.1 <i>Placar</i> , nº 1, 20 de março de 1970 e <i>Placar</i> , nº 2, 27 de março de 1970, segundo João Malaia	41
3.6.2 <i>Placar</i> , nº 3, 03 de abril de 1970.....	43
3.6.3 <i>Placar</i> , nº 4, 10 de abril de 1970.....	44
3.6.4 <i>Placar</i> , nº 5, 17 de abril de 1970.....	45
3.6.5 <i>Placar</i> , nº 6, 24 de abril de 1970.....	45
3.6.7 <i>Placar</i> , nº 7, 01 de maio de 1970 e <i>Placar</i> , nº 8, 08 de maio de 1970.....	46
3.6.8 <i>Placar</i> , nº 9, 15 de maio de 1970	46
3.6.9 <i>Placar</i> , nº 10, 22 de maio de 1970	48
3.6.10 <i>Placar</i> , nº 11, 29 de maio de 1970	48
3.6.11 <i>Placar</i> , nº 12, 05 de junho de 1970	49
3.6.12 <i>Placar</i> , nº 13, 12 de junho de 1970	50

3.6.13 <i>Placar</i> , nº 14, 19 de junho de 1970	51
3.6.14 <i>Placar</i> , nº 14A, 19 de junho de 1970	52
3.6.15 <i>Placar</i> , nº 15, 26 de junho de 1970	52
3.6.16 <i>Placar</i> , nº 16, 03 de julho de 1970.....	53
3.7 O relato rememorado dos protagonistas.....	55
3.7.1 Tostão.....	55
3.7.1.1 1966	56
3.7.1.2 Política.....	57
3.7.1.3 Médici.....	59
3.7.1.4 Saldanha	60
3.7.1.5 Planejamento científico	60
3.7.2) Pelé.....	62
3.7.2.1 1966	62
3.7.2.2 Política.....	63
3.7.2.3 Médici.....	63
3.7.2.4 Saldanha	64
3.7.2.5 Planejamento científico	65
3.7.3 Rivellino.....	65
3.7.3.1 1966	66
3.7.3.2 Política.....	66
3.7.3.3 Médici.....	66
3.7.3.4 Saldanha	67
3.7.3.5 Planejamento científico	67
3.7.4 João Havelange	67
3.7.4.1 1966	68
3.7.4.2 Política.....	69
3.7.4.3 Médici.....	70
3.7.4.4 Saldanha	71
3.7.4.5 Planejamento científico	71
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	76

1 INTRODUÇÃO

Seguindo a premissa de pesquisadores como DaMatta (1982), Giulianotti (2002) e Murad (2012), que enxergam o futebol como uma instituição social extremamente relevante, ligado de forma intrínseca à sociedade na qual está inserido e, portanto, reproduzidor das características gerais desta última, compreendo o esporte de origem inglesa como peça essencial para se entender o Brasil e a sociedade brasileira. Neste sentido, tal instituição passou a ser objeto de teóricos das Ciências Sociais, do Jornalismo, das Letras e de diversas outras áreas do conhecimento acadêmico, que resgataram o tema nas últimas décadas, retirando-o de um espaço periférico dentre as opções de pesquisa.

Como objeto relevante de pesquisa, uma das chaves para interpretar o futebol na academia é investigar a sua relação com o campo político, ou seja, como seus atores se envolvem ou são envolvidos nos jogos de poder. Como exemplo, posso mencionar os megaeventos como a Copa do Mundo FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), que envolvem uma série de reverberações políticas de financiamento público, debates e intervenções sociais nos respectivos e periódicos países sede, além das reverberações internacionais sobre a organização do evento, a recepção das delegações, a segurança, dentre outros fatores que servem como projetores da imagem de um país. Outros exemplos foram os movimentos *hooligans*, iniciados na década de 1980, na Inglaterra, que foram objeto de políticas de segurança pública daquela nação, ou os movimentos associativos de jogadores como forma de mobilização política ou reivindicação de direitos, tais como o Bom Senso Futebol Clube (2014) e a Democracia Corinthians da década de 1980, ambos no Brasil, e diversos outros episódios onde o futebol, como esporte de massa e com o poder de despertar forte interesse social convertido em audiência e mobilização, se aproximou do poder político ou dos atores que influenciam diretamente neste. Segundo o sociólogo Richard Giulianotti:

Sua centralidade cultural, na maior parte das sociedades, significa que o futebol tem uma importância política e simbólica profunda, já que o jogo pode contribuir fundamentalmente para as ações sociais, filosóficas práticas e identidades culturais de muitos e muitos povos. (GIULIANOTTI, 2002, p. 8)

Neste contexto, sabendo da outrora intensa paixão e repercussão do futebol e da Seleção Brasileira no cotidiano do cidadão comum, a literatura indica que o regime ditatorial brasileiro (1964-1985) utilizou-se de tal esporte (como de costume em diversas épocas e regimes de governo) como meio de transmissão da ideologia ultranacionalista, subserviente aos interesses deste, tudo isto no auge do *slogan* ufanista e excludente de “Brasil: ame-o ou deixe-o”.

Assim, as relações entre o regime militar e a “época de ouro” da Seleção Brasileira, por ocasião da conquista do tri-campeonato mundial de futebol, em 1970, no México, passaram a ser explícitas, justamente no período de maior recrudescimento do autoritarismo dentro do período de exceção. Os chamados “Anos de Chumbo” (1968-1974) contrastavam com o auge do “futebol-arte” e a consagração mundial da Seleção Brasileira. Segundo o cientista social José Murilo de Carvalho:

O governo Médici exibiu esse aspecto contraditório: ao mesmo tempo que reprimia ferozmente a oposição, apresentava-se como fase de euforia econômica perante o resto da população. Foi também o momento em que o Brasil conquistou no México o tricampeonato mundial de futebol, motivo de grande exaltação patriótica de que o general soube aproveitar-se para aumento da própria popularidade. (CARVALHO, 2002, p. 168)

Posto isso, o objetivo central da presente pesquisa, que visa à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, é contribuir para o debate sobre as relações entre futebol e política no Brasil, em especial, no período ditatorial. Justifica-se, para se lidar com o tema, um esforço transdisciplinar, que envolve Ciências Sociais, História, Estudos Literários e Jornalismo, uma vez que lançarei mão da literatura prévia sobre o assunto, livros biográficos e autobiográficos, além de teorias literárias e historiográficas que fundamentam o uso acadêmico da História Oral, ou da “escrita de uma vida” e do complemento memorialístico de arquivos contidos em Hemerotecas.

Na Seção 2, tratarei da história da relação entre a Seleção Brasileira de futebol de 1970 e o regime militar brasileiro, procurando demonstrar quando e como esta ligação ficou explícita, além de falar sobre os desdobramentos públicos, notórios e pontuais desta confluência, através de uma revisão da literatura sobre o tema. Assim, após a leitura da discussão prévia, as subseções foram criadas a partir da frequência e relevância dos assuntos tratados pelos teóricos consultados.

Na Seção 3, nas primeiras subseções (3.1 a 3.5), tratarei de algumas reflexões teóricas acerca da memória e de seu uso acadêmico. Para tal, lançarei mão das contribuições analíticas dos teóricos franceses Philippe Lejeune (2008) e François Dosse (2009) como forma de legitimação para inclusão das biografias e autobiografias no corpus do trabalho, trazendo a contribuição dos relatos ou “escritas de uma vida”, (gêneros literários memorialísticos em sua essência). Pollak (1989) e sua visão dinâmica sobre o processo recorrente de reconstrução da memória, suas *disputas* e *esquecimentos* também é consultado, além de Salvador & Soares (2009) e suas respectivas contribuições específicas para a memória da Copa do Mundo de 1970. Na subseção seguinte (3.6), analisarei os relatos da imprensa representados pelos registros da revista *Placar*, semanário esportivo criado em janeiro de 1970. Foram selecionados registros desde as suas primeiras edições, que retratam os acontecimentos e polêmicas envolvendo a substituição do técnico João Saldanha, até a cobertura completa da Copa do Mundo de 1970. Por fim, na subseção 3.7, analisarei os relatos de vida de protagonistas ligados àquela Seleção Brasileira, ou seja, o registro memorialístico de atores importantes e suas respectivas interpretações póstumas sobre o período em questão.

Ao final, farei um balanço sobre a narrativa acadêmica (Seção 2), a cobertura da imprensa esportiva e os relatos dos atores que participaram dos fatos (Seção 3) com vistas à conclusão sobre o uso político da Seleção Brasileira de 1970 pelo regime militar e o confronto de narrativas entre as fontes utilizadas.

2 SELEÇÃO E POLÍTICA NO CONTEXTO DA COPA DE 1970: HISTÓRIA DE UMA RELAÇÃO

2.1 Apropriação do esporte para fins político-ideológicos: nenhuma novidade

O uso político dos esportes, de uma maneira geral, não é nenhuma novidade para a história. Livia Gonçalves Magalhães, em sua tese de doutorado intitulada *Com a taça nas mãos* (2013), à qual utilizei como um dos pilares centrais deste trabalho, nos revela que: “Nas nações modernas que se formaram entre os séculos XVIII e XX, esporte e política sempre jogaram juntos” (MAGALHÃES, 2013, p. 21). São exemplos patentes os da Alemanha nazista e da Itália fascista, sob o comando de Hitler e Mussolini, respectivamente, ilustrando a associação de megaeventos (Jogos Olímpicos de Berlim 1936; Copa do mundo da Itália de 1934, respectivamente) a promoção dos valores ultranacionalistas pregados por ambos os regimes mencionados. Seguindo esta linha interpretativa, Giulianotti (2002) diz que “[o] futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que formam e consolidam identidades nacionais no mundo inteiro” (GIULIANOTTI, 2002, p. 43). Desta maneira, além de servir como simbolismo à imagem dos estados-nação, Magalhães (2013) ressalta que o esporte também funcionava como um incentivo às relações internacionais pacíficas entre os países.

Nos primórdios do século XX, no contexto brasileiro o sentimento de nacionalismo proveniente do futebol estava presente nos discursos da imprensa que, segundo Brinati (2019), em 1906, ressaltou o caráter nacional imbuído na partida de um combinado de jogadores brasileiros (retratados como “selecionado brasileiro”) versus a equipe Sul-africana *All-White*, que excursionava pela América do Sul. Segundo o autor, “[e]ventos como este, eram vistos como um canal onde sentimentos de pertencimento ao país e de identificação com os símbolos nacionais eram exacerbados.” (BRINATI, 2019b) Outros exemplos patentes desta representação simbólica da nação pela imprensa foram retratados pelo mesmo autor: em 1914 (BRINATI, 2020), onde o selecionado brasileiro, em seu primeiro jogo oficial, enfrentara uma equipe inglesa, e em 1919 (BRINATI, 2019a), pela ocasião da disputa do Campeonato Sul-Americano de futebol. Desta forma, como ressalta Brinati: “[a]o longo de sua história, a seleção

brasileira masculina de futebol fora tratada pelos meios de comunicação como uma representante de todo o país, emblema da nação.” (BRINATI, 2019a)

Mais tarde, a partir da terceira década do século XX, o discurso nacionalista oriundo do esporte, em especial, no futebol, passara gradativamente a se tornar uma questão de Estado e não apenas um discurso na imprensa. O Estado Novo (1937-1946) sob o comando Getúlio Vargas, se valendo da popularização do futebol (antes restrito às classes sociais elevadas), e de seu processo recente de profissionalização (1933), além da massificação do acesso aos aparelhos de rádio e por consequência, o aumento do alcance propagandístico, instrumentalizou o esporte sob a égide do discurso de unidade nacional e identidade. Segundo Magalhães (2013), Getúlio promovia o discurso da fusão entre seleção e povo, esporte e identidade, associando o esporte com o suposto caráter democrático e batalhador da sociedade brasileira. Tal investimento ideológico era traduzido na construção de estádios financiados pelo governo e também na utilização desses espaços como palanque para os discursos Varguistas:

Vargas teve nos estádios de São Januário no Rio de Janeiro, e no Pacaembu, em São Paulo, importantes locais de manifestações políticas e diálogo com a sociedade, em destacados eventos e datas comemorativas, como o Primeiro de Maio. (MAGALHÃES, 2013, p. 89)

A proposta getulista de consolidar uma identidade nacional acabara fortalecendo um discurso corrente à época, exemplificado na obra do sociólogo Gilberto Freyre a respeito da “democracia racial” brasileira, ou seja, um elogio à miscigenação formadora de nossa sociedade, com reverberações na cultura de forma geral. Tal democracia, aos olhos de intérpretes da sociedade adeptos deste conceito, forjaria uma convivência harmônica e igualitária entre as etnias, dissipando as diferenças e criando um homem singular, original e genuíno, produto de tal formação social. Cabe lembrar que tal narrativa refletia sobre o eco das teorias eugenistas que assolavam o mundo. Freyre, transmutou a sua interpretação sobre a sociedade brasileira para o futebol, em 17 de junho de 1938, em uma crônica para o jornal *Diário de Pernambuco*, intitulada “Foot-ball Mulato”:

[...]o nosso foot-ball mulato, com seus floreios artísticos, cuja eficiência – menos na defesa do que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros desse ano contra os poloneses e tchecoslovacos é uma expressão de

nossa formação social democrática como nenhuma. (FREYRE, 1938)

Desta forma, a Copa do Mundo de 1938 foi um marco da mobilização popular em torno da Seleção Brasileira de futebol, que teve um bom desempenho, conquistando a terceira colocação no torneio. Este registro denota o simbolismo das cores da bandeira e do sentimento de orgulho nacional refletido na euforia popular e na tentativa de Vargas na construção de certa identidade nacional via futebol.

O ano de 1938 é assim o marco histórico, se precisamos de um, da descoberta do Brasil como o “país do futebol”, unido de modo nacional à noção de brasilidade emanada de sua seleção em campos estrangeiros, jogando com características próprias e que, com o tempo, se tornariam indissociáveis da própria definição que o brasileiro faria de si mesmo. (GUTERMAN, 2009, p. 88)

Mas não só de governos totalitários parte a iniciativa de observar o futebol como uma ferramenta de aumento de popularidade. Governos do mundo todo associam sua imagem a conquistas esportivas, e isto é algo comum, independentemente do regime.

Nesse sentido, o fato de o governo militar não ter economizado esforços para associar a imagem do futebol à sua imagem de governo popular não nos pode surpreender, nem ser motivo para levantarmos as bandeiras da denúncia. Hoje, em pleno governo democrático, o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, também associa sua imagem aos vitoriosos atletas. (SALVADOR & SOARES, 2009, p. 66)

Esta constatação pode ser estendida para outros diversos presidentes¹ brasileiros anteriores à publicação da obra citada: Juscelino Kubitschek (1956-1961)² e Fernando Henrique Cardoso (1995-2003)³, por exemplo, aparecem, de forma pontual ou não, em registros ao lado de atletas ou em registros ligados à agremiações futebolísticas. O fato também é válido para os três presidentes que tivemos após à publicação da obra citada:

¹ Ver: Seleção é festejada por multidão nas ruas e presidentes nos 5 Mundiais do Brasil. Acervo: *O Globo*, 15 jul. 2014. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/selecao-festejada-por-multidao-nas-ruas-presidentes-nos-5-mundiais-do-brasil-13264670> <Acesso: 02 mai. de 2020>

² Ver: Em vídeo da construção de Brasília, JK torce pela seleção da Copa de 1958. *GI*, 21 abr. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2014/04/em-video-da-construcao-de-brasilia-jk-torce-pela-selecao-da-copa-de-58.html> <Acesso: 02 mai. de 2020>

³ Ver: Vampeta e FHC se reencontram e lembram cambalhotas do Penta. *Globo Esporte*, 03 dez. 2017. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/vampeta-e-fhc-se-reencontram-e-lembram-cambalhotas-do-penta.ghtml> <Acesso: 02 mai. de 2020>

Dilma Rousseff (2011-2016)⁴ já aparecera em fotos segurando as camisas de clubes das suas cidades de moradia, quais sejam Belo Horizonte e Porto Alegre, sendo as camisas de Atlético Mineiro e Internacional, respectivamente. Michel Temer (2016-2018)⁵ recebeu no Palácio do Planalto atletas brasileiros em cerimônia após os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, e, por fim, Jair Bolsonaro (2019-)⁶ esteve presente na Copa América 2019, conquistada pelo Brasil, além de comparecer a diversos estádios em jogos válidos pelo campeonato brasileiro nos últimos anos.

Para ilustrar, no caso brasileiro, a antiga relação entre os Chefes de Estado e o futebol, independentemente da forma de governo vigente, segue o relato memorialístico contido na biografia do dirigente esportivo brasileiro mais influente do século XX, o ex-presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) e da FIFA, João Havelange:

[H]avelange citou o ótimo relacionamento que teve com Juscelino Kubitschek, João Goulart, Tancredo Neves, Carlos Lacerda, Emílio Médici, João Figueiredo, José Sarney e Fernando Collor, para ficar apenas nos presidentes e governadores com os quais ele teve contato mais estreito, e cujos governos foram inequivocamente diferentes, no que diz respeito ao nível de democracia. (RODRIGUES, 2007, p. 96)

Portanto, é recomendável fugir do reducionismo de que o futebol é um objeto por excelência somente dos governos autoritários, pois, em tais governos, tudo é politizado e sujeito à cooptação, com o futebol não seria diferente.

⁴ Ver: Colorada, Dilma relembra infância no Mineirão e parabeniza o Atlético, *UOL Esporte*, 25 jul. 2013. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/libertadores/ultimas-noticias/2013/07/25/dilma-parabeniza-o-atletico-e-diz-que-o-brasil-acordou-alvinegro.htm> <Acesso: 02 mai. de 2020>

⁵ Ver: Temer recebe atletas olímpicos e veste até touca de polo aquático. *LANCER!*, 29 ago. 2016. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/temer-recebe-atletas-olimpicos-e-veste-ate-touca-de-polo-aquatico,218d43435a93e99e18e7578e999d0c6d6frxo459.html> <Acesso: 02 mai. de 2020>

⁶ Ver: Entre vaias e aplausos, Jair Bolsonaro participa de cerimônia e segura taça da Copa América. *Globo Esporte*, 07 jul. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/entre-vaias-e-aplausos-jair-bolsonaro-participa-de-cerimonia-de-premiacao-da-copa-america.ghtml> <Acesso: 02 mai. de 2020>

2.2 A Copa do Mundo de 1966 e a necessidade de modernização do futebol brasileiro

Dias após o anúncio do presidente João Goulart (1961-1964) sobre sua intenção de implementar as chamadas “reformas de base”⁷, os militares consumaram o golpe em meio a fortes manifestações de entidades da sociedade civil.

No conjunto, o plano de Jango foi rechaçado tanto à esquerda como à direita. À esquerda, criticava-se a ideia de arrochar salários e também as negociações com os “imperialistas” estrangeiros; à direita, muitos estavam ganhando na ciranda financeira alimentada pela inflação e não tinham interesse em que ela fosse combatida, além de enxergarem em Jango, desde sempre, o líder de uma república sindical. Em meio a todo esse clima de radicalização, o golpe militar estava em pleno curso. (GUTERMAN, 2009, p. 145)

Fato é que, embalados pelo discurso anticomunista, os militares chegaram ao poder no Brasil e por lá permaneceram até 1985, foram vinte e um longos anos e cinco Chefes de Estado com diferentes orientações ideológicas.

As forças armadas não eram homogêneas em seu alto escalão de poder e poderiam ser classificadas, de forma reducionista, entre os legalistas e a linha-dura: “[o]s primeiros, vinculados à Escola Superior de Guerra, primavam pelo exercício do poder dentro dos limites estabelecidos por lei. Os últimos primavam pela manutenção da ordem social, acima de tudo.” (CHAIM, 2014, p. 14). Assim, sob o comando do General Castello Branco (1964-1967) integrante da linha legalista militar, o futebol brasileiro não sofrera intervenções sérias.

Porém, uma unanimidade (provavelmente a única) se nota entre todos os analistas consultados para esse trabalho: o fracasso no desempenho da Seleção Brasileira de 1966, na Copa do Mundo da Inglaterra. Tal fracasso que viera da administração para o elenco, forjara um consenso social, midiático e político de que a equipe precisava se modernizar. Entendendo por “modernizar”: a reformulação do elenco, a profissionalização da administração e a adaptação às premissas do futebol europeu: a preocupação tática e o desenvolvimento da acuidade física dos atletas.

⁷ Tais reformas seriam intervenções substanciais na estrutura do Estado brasileiro, que, por sua vez, incluíam mudanças nos campos agrário, político, econômico e educacional, visando, em tese, um plano de desenvolvimento intervencionista e de ataque às desigualdades sociais.

Tal discurso de “terra arrasada” constitui um padrão na história da Seleção Brasileira, não somente de forma institucional, mas também no discurso da imprensa, que alimenta certa “cultura da substituição” quando os resultados são ruins. Nota-se a necessidade impositiva de reformulação após as derrotas nas Copas do Mundo de 1954, 1990, 2006, 2014, por exemplo.

No debate de 1966, falava-se que a seleção não poderia mais contar somente com o talento e a improvisação diferenciada de seus atletas. Impuseram-se outras questões administrativas, táticas e físicas ao jogo. O “futebol-arte” sul-americano não poderia deixar de se adaptar ao “futebol-força”, moderno e europeu: “As narrativas jornalísticas descreveram esse fracasso, vivido pela recente potência do futebol mundial, como uma defasagem tática, técnica e física do futebol brasileiro em relação ao europeu.” (SALVADOR & SOARES, 2009, p. 57).

Após vencer as duas últimas Copas do Mundo, em 1958 e 1962, provando ao mundo e a nós mesmos o valor do futebol brasileiro, abandonando, em certa medida, os traumas coletivos hipervalorizados pela derrota para a Seleção Uruguaia em 1950 [no episódio conhecido como *Maracanazo*, explorado por Paulo Perdigão em *Anatomia de uma derrota* (2000)], a Seleção Brasileira de 1966 precisaria rejuvenescer o seu elenco, uma vez que os veteranos bicampeões já vislumbravam a aposentadoria. Segundo Franco Junior (2007), os equívocos começaram já na preparação para o torneio, onde a convocação contou com 44 jogadores dos quais 22 seriam cortados às vésperas do evento. Nos amistosos que antecederiam a competição, foram formadas quatro equipes distintas que jogariam em diferentes localidades do Brasil e da Europa, o que claramente complicaria o entrosamento do selecionado final. Wisnik (2008), classificou aquela preparação como uma bagunça desastrosa. Segundo Guterman (2009), o técnico Vicente Feola sofrera intervenções externas (não nomeadas) para a escalação da equipe. Para Franco Junior (2007), em 1970, “a preparação física militarizada respondia ao fracasso de 1966, atribuído à má condição atlética dos convocados”. (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 142).

Num contexto de brigas políticas internas à CBD (Confederação Brasileira de Desportos), convocação numerosa e desorganizada, críticas às escolhas táticas de Vicente Feola e em meio ao intenso debate sobre as virtudes do futebol europeu em

contraste as vicissitudes do futebol brasileiro, o resultado disso, segundo Cornelsen & Jorge (2020, p. 1-4), foi a desclassificação precoce da equipe brasileira ainda na fase de grupos do torneio. Uma forte decepção para uma equipe que vinha da consagração mundial, uma vez que além das expectativas criadas, a equipe, pela terceira vez em sua história (1930, 1934, 1966), não passara da primeira fase do torneio mundial. Nota-se que a militarização da comissão técnica que aconteceu no mundial seguinte, em 1970, foi intensamente influenciada pela má gestão e pelos maus resultados obtidos em 1966.

A partir deste episódio, a CBD começa a sofrer maiores interferências dos círculos militares, que acusam este órgão de desorganização e corrupção – Discurso Udenista conservador amplamente utilizado historicamente pelos setores reacionários nacionais. Como consequência, propõem-se uma reorganização efetiva e uma intensiva preparação para a copa de 1970, a fim de que a derrocada da Copa da Inglaterra não se repetisse. (GIANORDOLINASCIMENTO, MENDES & NAIFF, 2014, p. 147)

2.3 Costa e Silva e o esporte como política de Estado

Castelo Branco deixou o poder em 1967, excedendo em um ano o que fora prometido no início do mandato. Tal extensão do mandato e a herança considerável de hipertrofia da concentração de poder do Executivo, através da emissão de Atos Institucionais, se deram muito em função das pressões da ala “linha-dura” militar, principalmente, segundo Chaim (2014), por conta das derrotas do partido governista nas eleições Estaduais de 1965.

Ainda em 1967, assumiu o poder um general da própria “linha-dura”, Artur da Costa e Silva (1967-1969), em mais uma eleição indireta. De acordo com Chaim (2014), que disseca muito bem os principais acontecimentos políticos daquele momento, o início do governo se deu sobre forte pressão popular e do movimento político de oposição intitulado Frente Ampla. Tal movimento contava com a adesão de diversos setores distintos ideologicamente e, como exemplo de sua diversidade interna, houve uma reconciliação de João Goulart e Carlos Lacerda, inimigos ferrenhos de outrora.

No ano seguinte, em 1968, após um intenso debate interno ao governo, Costa e Silva cria a AERP (Agência Especial de Relações Públicas), instituição que seria peça

fundamental para a propaganda e disseminação em massa dos ideais do regime, como veremos na próxima Seção:

Diferentemente do que se pode concluir, a AERP [...] não serviu para abrandar a imagem da ditadura, mas sim para criar uma atmosfera de harmonia social, encontrada a partir da consciência do “coletivo”, que daria legitimidade ao regime. (GUTERMAN, 2009, p. 159)

No mesmo ano, de acordo com Guterman (2009) e Chaim (2014), a efervescência social cresceu com a morte do estudante Edson Luís, em um protesto, o que revoltou ainda mais a sociedade civil e setores da oposição. O deputado federal Moreira Alves fora perseguido por denunciar, no Congresso, os desmandos e abusos cometidos pelo Governo nas manifestações públicas. A situação de exceção agravou-se com o fechamento do movimento Frente Ampla via decreto e com as fortes repressões às manifestações de oposição promovidas por estudantes e demais setores da sociedade. Movimentos grevistas começaram a eclodir e a “linha-dura” do regime pressionara o presidente Costa e Silva pela volta da “ordem”.

No início de dezembro de 1968, ocorreu o encontro entre a cúpula do governo Costa e Silva e os “homens fortes” da CBD, demonstrando o envolvimento do regime com o futebol de forma explícita. Como foi documentado por Couto (2014) e por Chaim (2014), diversos periódicos cobriram o evento interinstitucional e publicaram sobre o interesse do então presidente pelos rumos do esporte brasileiro (do futebol em especial). O presidente registrara a importância da conquista da Copa do Mundo de 1970, inclusive citando a confluência da possível conquista com o seu mandato. Desta forma, “[a] estratégia governista se estendia a todo o campo esportivo, mas seu objeto por excelência era a Seleção Brasileira de futebol”. (CHAIM, 2014, p. 56)

Ali, naquela reunião, surgira o embrião da Loteria Esportiva, instituição que destinaria, segundo Chaim (2014), 30% de seus recursos à CBD. Ambas as partes saíram satisfeitas da reunião: a CBD arrecadaria uma nova fonte de financiamento (um objetivo de longa data de João Havelange) e o governo que aproximaria suas relações com o esporte, um objetivo prioritário dos militares.

Dias após a reunião, mais precisamente em 13 de dezembro de 1968, a resposta a toda manifestação de insatisfação popular foi dura, sob o pretexto de ameaças a “segurança nacional”, o Ato Institucional número cinco (AI-5) foi promulgado, sem

data prevista para revogação, instituindo o fim de quaisquer resquícios de respeito à ordem legal anterior ao golpe. Estavam permitidos a suspensão do *habeas corpus*, a cassação de mandatos, a interferência direta em estados e municípios, o “recesso” do Congresso e diversos outros pontos de flagelamento ao já moribundo Estado Democrático de Direito. O presidente concentrara em suas mãos os três poderes de maneira praticamente irrestrita.

Este Ato Institucional [o AI-5] foi também um divisor de águas no que se refere ao grau de interpenetração entre o campo político e o campo esportivo. Foi justamente a partir deste momento que o campo esportivo passou a estar sob à intervenção do campo político [...] O esporte – notadamente o futebol – passou a possuir o papel de ser agente do fortalecimento da identificação civil dos cidadãos brasileiros com a Nação, e consequentemente com os governantes militares [...]. (CHAIM, 2014, p. 54)

Em um de seus últimos atos, mais precisamente em julho de 1969, o governo Costa e Silva publica o Plano Nacional dos Esportes (PNE)⁸, contendo as diretrizes para o esporte em geral. A ligação com o conturbado momento político não foi instrumental e imediata, pois se tratava de um projeto de médio e longo prazos, apesar de denotar a prioridade do governo frente a questão esportiva. Tal plano seria financiado em parte pelo projeto da Loteria Esportiva, citado anteriormente. Por motivos de saúde, antes do PNE entrar em vigor, Costa e Silva teve de abandonar a presidência em setembro de 1969, deixando os planos para o esporte para seu sucessor, que os utilizaria muito bem.

Fatores como a criação da AERP, o Plano Nacional dos Esportes, a criação da Loteria Esportiva e a promulgação do AI-5 foram, em conjunto, os principais pontos interventores do regime no futebol brasileiro, pois, “[n]o novo modelo tecnocrático, pautado no *dirigismo absoluto*, os militares passaram a controlar diretamente as ações político-administrativas no esporte [...]” (COUTO, 2014, p. 142, grifo do autor).

⁸ Ver: *Folha de São Paulo*, 26 jul. 1969, 1º Caderno, p.14. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3366&anchor=4472975&origem=busca&pd=22d6d7085d01ade2327eb87390b42484> <Acesso em: 02 mai. 2020>

2.4 Anos de Chumbo, Médici e o futebol

Após a saída inesperada de Costa e Silva, o caminho natural pelas regras institucionais era que seu vice-presidente, o jurista Paulo Aleixo, o sucedesse. Após cinco anos, um civil poderia retornar ao poder. Porém, ocorreu mais uma “exceção dentro da exceção” e, para governar o país, os militares designaram uma Junta Militar com representantes dos três entres das Forças Armadas, que permaneceram no cargo durante três meses, período de discussões e disputas militares internas para a nomeação de outro militar para continuação do projeto “revolucionário”. O nome escolhido foi o do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974).

Os reflexos do AI-5 continuaram e foram cassados 88 deputados e 5 senadores, além de instituída censura prévia de todas as mídias. Somente após da expulsão da oposição declarada, o Congresso reabriu, em outubro de 1969, 10 meses depois do “recesso”. Mas, a cassação em massa deixara seu recado intimidador, uma vez que “os remanescentes não tinham muita escolha a não ser assentir com tudo o que vinha da presidência da República”. (CHAIM, 2014, p. 65)

Médici assumiu um país em pleno crescimento econômico, com patamares de pleno emprego, gozando de uma oposição silenciada e perseguida pela repressão (via AI-5) e com todos os critérios imagináveis de uma “governabilidade” absoluta.

Com nulas obrigações para com aliados ou opositores, a legitimidade do governo partia de dois pilares centrais: o sucesso econômico e a imagem popular que transmitia. O primeiro ponto diz respeito às elevadas taxas de emprego e o crescimento de “dois dígitos” percentuais do Produto Interno Bruto (PIB) naquele contexto. Segundo o jornalista Elio Gaspari, “[o] Brasil tornara-se a décima economia do mundo, a oitava do ocidente, a primeira do hemisfério sul” (GASPARI, 2014, p. 212). O reflexo da pujança refletia-se nas obras faraônicas de infraestrutura e outros investimentos:

O governo festejava o progresso associando-o ao imaginário do impávido colosso, gigante pela própria natureza. Potência nuclear? O Ministério de Minas e Energia revelara a descoberta de excepcionais jazidas de urânio no Nordeste e anunciara a compra de uma usina atômica, a ser montada em

Angra dos Reis. Integração nacional? Médici determinara a construção da rodovia Transamazônica, que rasgaria 2.280 quilômetros de mata tropical, ligando o Maranhão ao Acre. [...] Tecnologia nacional? A Embraer recebera 230 milhões de dólares para fabricar o primeiro jato brasileiro. Obras históricas? Acelerou-se a abertura dos metrô do Rio de Janeiro e de São Paulo, e anunciou-se o início da construção da ponte que atravessaria a baía de Guanabara, ligando a praia do Caju a Niterói. (GASPARI, 2014, p. 213)

Tudo corria a favor, ainda que, para Guterman (2009) e Gaspari (2014), o preço do chamado “milagre econômico” tenha vindo mais tarde traduzido no aumento das desigualdades sociais e no aumento considerável da dívida externa brasileira.

Como bônus, a Seleção Brasileira de futebol reunia uma série de jogadores excepcionais, e o sucesso esportivo iminente poderia contribuir para com o clima otimista do país. E foi exatamente o que ocorreu.

Antes de tudo, “o general presidente era um torcedor confesso, desses de acompanhar os jogos com radinho de pilha colado ao ouvido.” (MÁXIMO, 1999, p. 187). Gianordoli-Nascimento *et al.* (2014) relatam que Médici “era um gremista e flamenguista fanático”. Guterman (2009), afirma que Médici era um “autêntico torcedor de futebol”. Fato é que era nítida a imagem transmitida por Médici como a de um “presidente-torcedor”, como destaca Chaim (2014), frequentador dos estádios e eventos esportivos. “Isto se materializaria na imagem de Médici, que não só receberia e apoiaria a seleção, como também era um *torcedor*, o que fazia dele um *homem comum/igual*.” (GIANORDOLI-NASCIMENTO *et al.*, 2014, p.148, grifo meu). Para Magalhães, a impressão que se tinha era de que “torcedor, presidente e cidadão tornaram-se sinônimos.” (MAGALHÃES, 2013, p. 158).

Autores mais críticos citam o teor teatral da ida frequente à estádios e até a possível atitude de colocar rádios desligados na orelha durante as partidas nas quais comparecia. Apesar da evidente capitalização da imagem popular de Médici pela AERP, a grande maioria dos autores consultados considera a atração de Médici pelo futebol como “genuína”.

Neste contexto político e econômico, a Seleção Brasileira desempenhava uma excelente fase nas eliminatórias para a Copa do Mundo do México. O presidente acompanhava os jogos da tribuna, sempre que possível, com o já citado tradicional rádio

de pilha ao lado da orelha. O torcedor-presidente e o torcedor-comum vibravam com os lances geniais de craques como Jairzinho, Tostão, Pelé, Rivelino, Clodoaldo, Carlos Alberto Torres, Gérson, Piazza e outros tantos. Para os detentores do poder, o clima no “país do futebol” não poderia ser melhor.

Estádios foram construídos nos quatro cantos do Brasil, revelando um projeto de integração nacional. Pela primeira vez, a Copa do Mundo seria transmitida em tempo real, pelos crescentes aparelhos de televisão que se tornaram mais acessíveis no país.

Como citado anteriormente *en passant*, a AERP soube muito bem mesclar todo otimismo social em suas peças publicitárias, utilizando a audiência e o alcance da TV. Os sucessos econômico e esportivo eram exaltados enquanto as severas perseguições, desmandos e violações aos mais básicos direitos humanos eram obviamente suprimidos. Aqui se deu o uso da seleção, ao nível do intelecto, do simbólico e do imagético. Antes do evento e principalmente durante e depois da Copa do Mundo conquistada pelo selecionado brasileiro, a agência divulgava seu ideal com êxito. Dessa forma, “[a] seleção não era mais uma simples representação esportiva nacional; ela era a essência brasileira, sua expressão de força, capaz de gerar orgulho patriótico e nacionalista.” (GUTERMAN, 2009, p. 156).

No bojo desse sentimento que, ao mesmo tempo em que era “espontâneo” (no sentido da expressão otimista da sociedade perante o desenvolvimento econômico aliado ao sucesso esportivo), era “construído”, pela AERP, que incluía e direcionava o ideal nacionalista, vinculando a imagem do presidente as conquistas. A publicidade de alto padrão e a televisão inegavelmente elevaram o alcance de tal discurso. Tudo ocorreu em um momento oportuno, no qual surgia um *jingle*, vencedor de um concurso promovido pelos patrocinadores da transmissão dos jogos da Copa do Mundo de 1970, que versava sobre músicas temáticas para o torneio, uma obra de grande repercussão que compilou todo clima ufanista presente no país: a marcha “Pra Frente, Brasil”, composta por Miguel Gustavo.

Noventa milhões em ação,

Pra frente Brasil,

Do meu coração...

Todos juntos vamos,

Pra frente Brasil,
Salve a Seleção!

De repente
É aquela corrente pra frente,
Parece que todo o Brasil deu a mão...
Todos ligados na mesma emoção...
Tudo é um só coração!

Todos juntos vamos,
Pra frente Brasil!
Brasil!
Salve a Seleção!⁹

Em outra polêmica interminável entre os mais críticos e os mais “sóbrios” analistas, não há um consenso sobre a origem da música. Para uns, é claramente encomendada, sob medida, pelo regime ao compositor, como peça publicitária da mais alta categoria. Para outros, foi uma coincidência e uma sapiência do compositor, que soube transferir o clima nacional para a letra e entregar a peça pronta para a AERP. Apesar de ser um “casamento perfeito” demais para não se desconfiar da encomenda por parte do governo ao compositor, não foram encontradas provas documentais sobre tal fato.

Fato é que a letra se tornou um sucesso excepcional e sempre é retomada pela imprensa em matérias memorialísticas sobre o período, a canção geralmente é associada aos belos lances da equipe brasileira nos gramados do México.

Afinal, tudo o que interessava ao regime estava lá: a ideia de unidade nacional (“todos juntos vamos”), o fim das divergências com vista a um objetivo comum (“parece que todo o Brasil deu a mão”), a paixão pelo país e pelos brasileiros que o representavam (“tudo é um só coração”) e a ordem de avançar, de um movimento “pra frente”, numa só “corrente”. (GUTERMAN, 2009, p. 178)

⁹ Disponível em: <https://www.letras.com.br/miguel-gustavo/pra-frente-brasil> <Acesso em: 02 mai. 2020>

Para Sarmiento-Pantoja (2018), no artigo em que analisa o documentário *Memórias de Chumbo: O Futebol nos Tempos do Condor*¹⁰, mais especificamente no episódio sobre o Brasil, a análise da letra também perpassa sobre a intervenção do regime na letra, pois “evoca bem o modelo desejado pelo estado brasileiro, constituindo o futebol como a ligadura social.” (SARMENTO-PANTOJA, 2018, p. 86).

Embalados pelo hino da Copa, composto por Miguel Gustavo, a Seleção Brasileira venceu a Copa do Mundo de 1970, no dia 21 de junho de 1970, pelo placar de 4 x 1 sobre a Seleção Italiana.¹¹ Até hoje, aquela equipe é considerada, por populares e analistas, uma das melhores seleções da história do futebol. O desempenho da equipe não deixa dúvidas, seis jogos e seis vitórias. Desta forma, a consagração da seleção alimentou o clima otimista no país, sendo canalizado mais uma vez pelo enquadramento da AERP e de suas peças publicitárias. Segundo Chaim (2014),

[a] Copa de 1970 completou um serviço que nem 100 anos de publicidade oficial maciça poderiam ter feito: a conquista da Taça Jules Rimet fez com que o ‘orgulho de ser brasileiro’ e o nacionalismo – elemento tão caro a governos autocráticos – emanassem espontaneamente dos espíritos populares embriagados de orgulho com o ‘Brasil’, o único tricampeão mundial. A imagem do ‘Brasil Grande’ não precisaria ser construída pela publicidade; ela já era um fato consumado, público, acessível a quem quisesse ver. (CHAIM, 2014, p. 100)

Em resumo, Médici e sua proximidade com o futebol se mesclavam com a boa recepção do presidente pela classe trabalhadora, com empregos disponíveis e a sensação de transformação no país que, por sua vez, tornara-se um grande canteiro de obras. Tudo isso muito bem canalizado pela propaganda oficial, que exponenciava o momento econômico e esportivo através do discurso de apelo cívico. Segundo DaMatta, no caso brasileiro, “[f]oi o futebol que juntou o hino e povo, que consorciou camisa e bandeira, que popularizou a ideia de pátria e de nação como algo ao alcance do homem comum e não apenas do ‘doutor’ e do mandão”. (DAMATTA, 2006, p. 111)

Como “*torcedor comum*”, antes da conquista, Médici manifestava até mesmo a opinião pessoal de escalação: escalar jogador X em detrimento de jogador Y.

¹⁰ CASTRO, Lúcio de. *Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor (Brasil)*, TV ESPN, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2jMh39g>.

¹¹ Ver: *Brazil in 1970: Football's most beautiful team*, FIFATV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rbSgpuwVEok> <Acesso em: 02 mai. 2020>

Comportamento de praxe dos adeptos do futebol por todo o mundo, porém, no contexto intervencionista que se criara e pela posição de Chefe de Estado, a opinião pública do general abriu margem para uma série de teorias sobre as intervenções militares na seleção, sobre o episódio polêmico da escalação ou não do jogador Dario e a demissão do técnico João Saldanha.

2.5 O “pitaco” de Médici

Em 1969, uma seleção excepcional estava se consolidando sob o comando do técnico João Saldanha. Sobre este, um adendo. Os motivos para a saída de Aymoré Moreira do comando técnico da Seleção Brasileira foram exaustivamente repetidos na literatura: desempenho pior do que o esperado e resultados insatisfatórios em amistosos anteriores às Eliminatórias (torneio classificatório) para a Copa do Mundo de 1970. Porém, o mistério sobre a escolha de Saldanha permanece, pois o que se encontram são somente especulações.

João Alves Jobim Saldanha era um reconhecido jornalista esportivo à época, que tivera uma breve experiência como treinador profissional no Botafogo em 1957, clube no qual teve uma pequena passagem como jogador em sua juventude. Saldanha atuou no Partido Comunista Brasileiro durante as décadas de 1940 e 1950. Por essa questão, não se sabe até hoje o motivo da contratação de um comunista para o cargo em uma instituição supostamente influenciada pelo regime militar, que já tinha conhecimento sobre os vínculos de João Saldanha com a oposição “subversiva”¹². Especula-se uma estratégia de silenciamento da imprensa, tomando um de seus pares mais críticos para o comando do selecionado.

Desta forma, ainda no governo Costa e Silva, Saldanha assumiu a seleção. Permaneceu durante a alternância no poder entre a Junta Militar e, posteriormente, o início do governo Médici.

¹² Em sua Tese, Livia Magalhães, baseada na Informação nº 70/DSI/MJ de 08 de maio de 1970, contida em documentos do Arquivo Nacional, argumenta sobre o conhecimento prévio do regime quando da contratação de Saldanha, “não sendo razoável apontar tal fundamento como justificativa para o posterior desligamento do técnico.” (MAGALHÃES, 2013, p. 115)

Saldanha assumiu e recuperou a confiança da Seleção Brasileira, convocou o grupo que ficou conhecido na memória social através do apelido de “feras do Saldanha”, e classificou a seleção para a Copa do Mundo de 1970 sem sustos. Em seis jogos, foram seis vitórias.

Apesar do ótimo desempenho no torneio mais importante que antecedia a Copa do Mundo, Saldanha viu sua estabilidade no cargo e popularidade se desmanchar ainda no primeiro trimestre de 1970. Após uma série de polêmicas e resultados ruins, em placar e desempenho, em amistosos, Saldanha seria demitido em 18 de março de 1970.

Entre as polêmicas, a mais comentada, sem dúvida, pela imprensa, pela literatura e por rodas de conversa de amantes do futebol brasileiro, é a indisposição com o presidente Emílio Garrastazu Médici. Publicamente, o general, nas vésperas de uma das convocações de João Saldanha, elogiou publicamente o atacante Dario, do Atlético Mineiro, sugerindo a convocação do mesmo. O “pitaco” de Médici é considerado por muitos, após a resposta pública de Saldanha, um ponto chave para se entender a demissão do técnico faltando apenas três meses para o início da Copa do Mundo. Vejamos a resposta de “João sem medo” (alcunha atribuída a Saldanha), ao ser indagado em entrevista a respeito do palpite do presidente:

O Brasil tem 80 ou 90 milhões de torcedores, de gente que gosta de futebol. É um direito que todos têm. Aliás, eu e o presidente, ou o presidente e eu, temos muitas coisas em comum. Somos gaúchos, somos gremistas, gostamos de futebol, e nem eu escalo ministério, nem o presidente escala time. Você tá vendo que nós nos entendemos muito bem.¹³

Tal embate público com o presidente e os resultados ruins, como por exemplo em seu último jogo à frente da seleção que terminou em empate por 1 x 1 contra o modesto Bangu, somaram-se na pressão pela queda do treinador. Para alguns, a reunião entre João Havelange e Jarbas Passarinho (então ministro da Educação do governo Médici), antes da demissão de Saldanha, é tida como prova da intervenção do governo na substituição do treinador gaúcho. Houve, também no mesmo período, uma polêmica sobre a escalação ou não de Pelé. Em entrevista, Saldanha afirmou que o craque tinha problemas de visão que poderiam afetar o seu desempenho, fato negado pelo atleta,

¹³ Esporte Interativo, 28. mar. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X3gRDhJYX2w>; Acesso em: 20 abr. 2020.

causando outro alarde na imprensa esportiva que cobria o dia-a-dia do selecionado canarinho antes do embarque para o México.

Outro importante fato, que precedeu a demissão, foi o escândalo da invasão do CT do Clube de Regatas do Flamengo, por Saldanha, de arma em punho, para tirar satisfações com o então técnico da equipe rubro-negra conhecido pela alcunha de *Yustrich*, após este criticar Saldanha por meio da imprensa. Segundo Chaim, “a repercussão gerada por este caso não foi em nada positiva ao técnico da seleção.” (CHAIM, 2014, p. 78).

O temperamento desequilibrado de João Saldanha era de conhecimento público e o fato citado contribuiu para o currículo do treinador. “As ‘feras do Saldanha’ tiveram alguns tropeços diante da Argentina, do Atlético Mineiro e do Bangu, mas foi o temperamento irrequieto do treinador que precipitou sua demissão.” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 142).

Assim como nas especulações da interferência política na contratação e na demissão de Saldanha, consolidam-se narrativas frágeis, reproduzidas por elos contextuais e interpretativos, baseados nas leituras dos analistas. Outro exemplo interessante de reprodução dessa narrativa frágil é a ausência de provas sobre as supostas denúncias de Saldanha a periódicos estrangeiros, em excursões pelo México e pela Europa no início dos anos 1970¹⁴. Assim como na pesquisa de Magalhães (2013), não encontrei nenhuma prova documental além da reprodução sistemática da narrativa do próprio técnico a respeito de tais denúncias compiladas em um dossiê, que teriam sido publicadas no exterior: “Durante a pesquisa, tanto em fontes nacionais como no

¹⁴ “É que eu tinha dito que havia no Brasil três mil e tantos presos políticos e tinham sido assassinados mais de quatrocentos rapazes e moças, durante a ditadura Médici. Eu disse e saiu no ‘Observer’ da Inglaterra; saiu no ‘Le Monde’, saiu em um monte de jornais de milhões de exemplares. O governo não gostou.”

Depoimento de Saldanha em entrevista concedida ao jornalista Geneton Moraes Neto: *João Saldanha manda lembranças*: um encontro com o técnico que incendiou a seleção brasileira. G1, 09 jun. 2010. Disponível em: <Acesso em: 03 mai. 2020>. Além de reproduzida por analistas como Couto (2014) e Sarmento-Pantoja (2018), a narrativa segue a linha da perseguição política supostamente sofrida por João, culminando em sua demissão. O mesmo é afirmado em entrevista no programa *Roda Viva*, 25/05/1987, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fBjcJUskjRw&t=832s>, <Acesso em: 03 mai. 2020>.

exterior, não foi encontrada tal lista ou os comentários aos quais Saldanha se refere.” (MAGALHÃES, 2013, p. 114). A suposta lista (que aparece em outras versões como dossiê) conteria nomes de desaparecidos políticos, torturados e mortos pelo regime, e os supostos comentários seriam as entrevistas a periódicos estrangeiros denunciando os abusos da ditadura militar brasileira.

As polêmicas que envolvem o caso Saldanha são inúmeras, porém, documentalmente, restam as narrativas do próprio João Saldanha, de João Havelange e de terceiros próximos ao fato, como os jogadores, que serão tratados na próxima Seção e, por fim, de analistas. Fato é que

[a] queda de Saldanha é lembrada como perseguição. [...] Observemos que essas lembranças fazem de Saldanha, independentemente da veracidade factual, um duplo herói de nossos tempos na medida em que é lembrado como arquiteto daquela mágica Seleção e como perseguido político por um governo de exceção. (SALVADOR & SOARES, 2009, p. 97).

Após confrontar as versões, fico com a interpretação de que o contexto conturbado pelos comportamentos temperamentais do técnico (polêmica com Médici, Pelé e Yustrich), assim como os resultados insatisfatórios foram os motivos mais plausíveis para sua demissão às vésperas da Copa do Mundo de 1970. Como ressalta o jogador Tostão, “[a]s versões costumam ser muito mais interessantes do que os fatos em si.” (TOSTÃO, 2016, p. 49).

2.6 Comissão técnica militarizada e o planejamento científico

Com a queda de João Saldanha, houve a dissolução de toda a comissão técnica. No bojo da crise institucional vivida nos três primeiros meses de 1970, a CBD optou pela contratação do técnico Mário Jorge Lobo Zagallo, experiente bicampeão do mundo como jogador pela Seleção Brasileira em 1958 e 1962. Com ele, também ocorreu a renovação do restante da equipe técnica que, por sua vez, foi substituída por um grupo composto por diversos integrantes das forças armadas, especialistas em preparação física. “Iniciava-se o projeto de montagem de um esquema militar de preparação e acompanhamento das atividades da equipe que partiria para a disputa de mais um título

mundial.” (SARMENTO, 2013, p.138-139). Assim, Admildo Chirol, Cláudio Coutinho, Carlos Alberto Parreira, todos militares vinculados a EsEFEx (Escola de Educação Física do Exército), compuseram a renovação no comando, junto com Zagallo. O brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da delegação, e o major Ipiranga dos Guarany's, responsável pela segurança, selavam o “time de militares” vinculados à delegação brasileira. Para Guterman (2009, p. 183), a disciplina militar foi um pilar da conquista do campeonato mundial.

A estratégia militar contou com o excepcional *Planejamento México*. Como já citado anteriormente, a CBD não queria repetir os erros de 1966 quanto à preparação para o mundial e, dessa maneira, recorreu aos mais avançados métodos de treinamento e planejamento. Dessa maneira, o *Planejamento México* foi um estudo científico que incluía o cronograma e a logística da Seleção Brasileira na preparação para o torneio mundial. Tal planejamento foi idealizado pelo professor ligado à EsEFEx, Lamartine Pereira da Costa, especialista mundialmente reconhecido pelos estudos de treinamento físico em altitude e com experiência pretérita como treinador da equipe brasileira de pentatlo militar.

No estudo sobre a altitude, o planejamento analisava a questão dos fusos horários: o tipo de treinamento a ser utilizado em cada etapa do processo de preparação; o uso da câmara de baixa pressão como suporte para a simulação dos efeitos da altitude em cada atleta individualmente; a alimentação; as condições climáticas do local; a umidade do ar; os efeitos do stress; o horário de treinamento físico, técnico e tático equivalente ao horário dos jogos da competição; os resultados da massagem muscular em altitude e o preparo psicológico dos atletas, com o objetivo de atingir o máximo da capacidade atlética dos jogadores da Seleção nas vésperas e durante o evento. (SALVADOR & SOARES, 2009, p. 29)

Costa foi o mentor do plano que seria executado com maestria por Coutinho, Chirol e Parreira. Curiosamente, apesar de item fundamental na preparação física e no sucesso da Seleção Brasileira de 1970, o planejamento ficou esquecido na memória coletiva em detrimento do protagonismo do “futebol arte”, como nos mostram Salvador & Soares (2009). Para os autores, o silenciamento sobre o papel militar no desempenho daquela seleção é um ato reproduzido nos dias atuais, uma vez que, na época da conquista, os jornais enfatizavam a preparação científica do escrete brasileiro. As explicações para o fenômeno recaem sobre as tensões da memória sobre o período militar, uma vez que:

[s]ão poucas ou raras matérias jornalísticas que destacam o papel da EsEFEx no vitorioso futebol de 1970. A rememoração centra-se, sobretudo, sobre o uso ideológico do futebol no período da exceção. O papel das escolas militares no desenvolvimento de conhecimento e na formação de profissionais para o esporte é basicamente esquecido. Temos de ter cuidado para não transformarmos todos os atores em agentes conspiradores. (SALVADOR & SOARES, 2009, p. 72-73, grifo meu)

Fato é que o *Planejamento México* teve seu êxito reconhecido até mesmo pela FIFA¹⁵, em estudo técnico realizado após a Copa. Notou-se, por analistas atentos da imprensa, a superioridade física da seleção, principalmente nas segundas etapas dos jogos daquele mundial, onde a equipe definiu a maioria de seus placares.

O êxito esportivo, capitalizado pelo governo Médici e pela AERP, segue sendo um dilema na memória social brasileira, uma vez que o período de maior exceção à legalidade, os “Anos de Chumbo”, coincidiu com os “Anos de Ouro”¹⁶, dos êxitos econômicos e esportivos.

Após cinquenta anos distantes no tempo, pode-se constatar que o sucesso da Seleção de 1970 se deve a esta conjunção curiosa e contrastante de arte (no esplendor técnico dos craques que a compunham), à expertise tática dos comandantes¹⁷ (desde toda a convocação base de João Saldanha aos ajustes pontuais e valorosos do “velho lobo” Zagallo), à boa administração (Havelange, na chefia da CBD, que corrigiu os erros que culminaram no fracasso de 1966 e recuperou os acertos de 1958 e 1962) e ao planejamento militar (de logística e preparação física, principalmente). (CORNELSEN & JORGE, 2020, p. 4)

Em suma, na Seção 2, os principais pontos da discussão sobre a Seleção Brasileira de 1970 e o regime militar foram tratados: a relação simbólica entre o nacionalismo e o futebol, os reflexos da Copa de 1966, a relação do presidente Médici com a Seleção Brasileira, o planejamento científico exemplificado no *Planejamento México* e sua construção por mãos militares. Na próxima Seção, analisarei os relatos memorialísticos da imprensa e dos protagonistas daquela seleção, verificando os pontos de confluência ou divergência para com a literatura prévia.

¹⁵ Ver FIFA. World Championship – Jules Rimet Cup 1970: Final Competition. Technical Study. Zürich: FIFA, 1972.

¹⁶ CORDEIRO, Janaina Martins. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. Estudos Históricos [online], v. 22, n. 43, p. 85-104, 2009.

¹⁷ Seguindo a ideia de Wisnik, de que os treinadores se complementaram: “a seleção metodicamente ensaiada por Zagallo, não pôde funcionar afinal, sem o axioma das feras de Saldanha” (WISNIK, 2008, p. 300).

3 RELATOS MEMORIALÍSTICOS SOBRE A SELEÇÃO NO CONTEXTO DA COPA DE 1970: IMPRENSA E RELATOS DE VIDA

Quanto a mim, eu venho há muito desconfiando de que a infância é uma invenção do adulto. E o passado uma invenção do presente. Por isso é tão bonito sempre, ainda quando foi uma lástima... A memória tem uma bela caixa de lápis de cor. (Trecho de Álbum para colorir, Mário Quintana)

3.1 A discussão acerca da memória

Segundo Pollak (1989), diversos estudos sobre memória e relatos de vida surgiram no contexto do pós-guerra, onde estudiosos debruçaram-se sobre depoimentos de sobreviventes dos campos de concentração nazistas, por exemplo. Tal movimento, antes periférico no meio acadêmico, ganhou força e contribuiu para a consolidação do campo da História Oral e para a legitimação e o debate sobre seu uso em métodos qualitativos dentro das Ciências Sociais. No bojo dessa onda reflexiva sobre os relatos de vida, a inserção de narrativas de indivíduos tornou-se legítima e contributiva para o conhecimento acadêmico, na medida em que tais relatos constituem-se como uma rica fonte de dados. Obviamente, devemos fazer ponderações sobre as potencialidades e limitações de tal método, como, por exemplo, a riqueza experiência pessoal em dado contexto histórico e os tons ficcionais das narrativas de vida, respectivamente.

Os relatos de vida utilizados neste trabalho de biografias e autobiografias, gêneros memorialísticos por excelência, que trazem a percepção, vivência e interpretação de indivíduos inseridos em determinado contexto histórico. Foram selecionados atores que viveram o período analisado e que possuem biografias ou autobiografias. Assim, o recorte “amostral” tornou-se pequeno justamente por conta da limitação de tais relatos. O ato de selecionar os jogadores que podem falar pelo período se limitou aos que tinham a sua memória escrita, criando certa seletividade circunstancial, que possui efeito no produto final da análise, mas não fruto de viés do pesquisador. Metodologicamente, tentei extrair a essência, as repetições e os conflitos

relatados sobre o período em questão, 1969 e 1970. Desta maneira, busquei resgatar os fatos a partir das “lentes” de determinados atores, considerados “protagonistas”, de forma que possibilite documentar e contribuir para a discussão, sobre como enxergaram a máxima da influência do regime militar na Seleção Brasileira, ou melhor, como construíram as suas narrativas sobre tal influência. Para complementar a discussão, procurei inserir a análise dos documentos, também memorialísticos por excelência, da imprensa, capazes de registrar sobre o que se fala ou sobre o que não se fala, em determinado contexto histórico. Antes dos relatos memorialísticos da imprensa e dos protagonistas, é pertinente definir de onde partimos, ou seja, do referencial teórico sobre memória e relatos de vida. A seguir, versarei sobre o conceito de memória segundo Michael Pollak e as implicações da escrita (auto)biográfica nas perspectivas de François Dosse e Philippe Lejeune, além das contribuições sobre o papel da imprensa como guardiã da memória, segundo Salvador & Soares (2009).

Em suma, partirei do referencial teórico sobre memória e relatos de vida para, em seguida, analisar os documentos da imprensa, representada pela revista *Placar* e, por fim, analisar os relatos de vida dos protagonistas da Seleção Brasileira de 1970.

3.2 A memória em disputa

O sociólogo Michael Pollak (1989) dialoga com Maurice Halbwachs e seus conceitos de *memória coletiva e individual*, e com Pierre Nora e seus *lugares de memória*. O autor tem o enfoque na construção da memória, em seu processo de consolidação. Tal processo é construído por disputas e concorrências, como, por exemplo: *memória subterrânea* (minorias, clandestina oprimidos) versus *memória oficial* (nacional, formal, de caráter opressor). O autor demonstra, o tempo todo, a problemática sobre a construção seletiva da memória e seus *enquadramentos*, sempre imersos em relações de poder, pois “[a] referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.” (POLLAK, 1989, p. 9). No caso da *memória oficial*, o enquadramento se dá, por

exemplo, na seleção dos arquivos que são disponibilizados ou das testemunhas autorizadas a falar pelas instituições. Neste contexto, nenhuma memória é perene, ou seja, nenhuma memória não está sujeita a ressignificações. Um exemplo brasileiro importante, que me veio à memória ao visitar as interpretações de Pollak acerca das ressignificações da memória, foi a seguinte: a Comissão Nacional da Verdade (CNV), instituída em 2012, pelo governo federal, que: “[e]mpenhou-se, assim, em examinar e esclarecer o quadro de graves violações de direitos humanos praticadas entre 1946 e 1988, a fim de efetivar o direito à memória e à verdade histórica e promover a reconciliação nacional.”¹⁸ Mesmo partindo de um órgão oficial, o exemplo acima ilustra a volatilidade da memória social, suas disputas, retomadas e silenciamentos. Neste contexto, o *silêncio* sobre algo possui significado, na medida em que “[..]um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação.” (POLLAK, 1989, p.13).

Em suma, para Pollak (1989), os relatos individuais contribuem para a construção da identidade coletiva e para o nível do simbólico. Assim, o construto da narrativa sobre a Copa de 1970, o conceito de “futebol-arte” e de “país do futebol” representam uma imagem que se faz da nação brasileira, em um determinado contexto político. Os relatos pessoais contidos na subseção “o relato rememorado dos protagonistas” podem ilustrar ou contrastar tais imagens simbólicas, contribuindo para a análise contextual.

Sendo a memória um construto social, por que não “escutar” os protagonistas de determinado evento dotado de significado? Pode-se pensar, também, como Salvador & Soares (2009), no enquadramento da memória, realizado pela imprensa, nas imagens e nos discursos sobre a Copa de 1970, a valorização do futebol-arte, as imagens dos gols e no silenciamento sobre a intervenção militar, a preparação científica e até mesmo a imagem do presidente associada a imagem do selecionado e de sua conquista.

¹⁸ BRASIL (2014). *Apresentação*. Comissão Nacional da Verdade. Relatório, v.1, p. 15. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_1_digital.pdf <Acesso: 02 jun. de 2020>

3.3 Desafios e potencialidades ao se “escrever uma vida”

O historiador François Dosse (2009) define a biografia como um “gênero híbrido”, entre a verdade e a imaginação, entre a história e a ficção, a ciência e a arte. “Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da mimesis, e o polo imaginativo do biógrafo” (DOSSE, 2009, p. 55). Assim, para Dosse (2009), uma vez que não se pode chegar, jamais, à “vida interior” do biografado ou à complexidade de suas experiências e vivências, o biógrafo cria a narrativa com tons ficcionais na medida em que afirma o que o biografado “pensou”, “sentiu” ou “disse”, ancorado em relatos do próprio biografado, de terceiros ou de análises documentais, reconstruindo um passado impreciso, lacunar, subjetivo e muitas vezes idealizado. Portanto, as biografias “não podem jamais se congelar num retrato definitivo e fiel do outro sempre inacessível.” (DOSSE, 2009, p. 52). Além disso, para o autor francês, deve existir uma espécie de contrato de leitura entre biógrafo e leitor, onde a honestidade intelectual impere por meio da descrição dos métodos e fontes utilizadas.

Dessa maneira, coexistem, nas linhas desse gênero híbrido, o biografado e seus testemunhos, e a parte criativa que o autor expressa em um personagem. Daí surge o inevitável tom romanceado, ou ficcional, porém, em diferentes doses, variando de autor para autor. Segundo Dosse (2009), o bom biógrafo deve saber dosar a parte factual e a parte ficcional. Há, portanto, um dilema, entre a verdade e a imaginação, a história e o romance, o literário e o científico, onde o ideal seria o “ponto médio entre ficção e realidade histórica” (DOSSE, 2009, p. 12). As biografias analisadas neste trabalho (de João Havelange e Roberto Rivellino) recaem no que Dosse classifica como biografias clássicas, cujos elementos essenciais são a sequência cronológica, a comum valorização do biografado, ou seja, a conseqüente exaltação de seus “feitos” ou traços positivos de sua personalidade, a afirmação do “verídico”, atestado por depoimentos de terceiros, cruzamento de informações, a comparação e confirmação de fontes e documentos e a busca de um distanciamento crítico e moral entre autor e biografado.

Academicamente, no viés positivista, tende-se a valorizar a história factual e a ciência em detrimento da subjetividade do indivíduo e de seu relato.

A intrusão do biográfico e do autobiográfico nas ciências sociais sacode alguns postulados ‘científicos’ em nome dos quais essa dimensão fora até a época expelida das pesquisas eruditas, pois os relatos se situam num espaço entre escrita e leitura literárias ou entre escrita e leituras científicas. (DOSSE, 2009, p. 242)

Dessa forma, entendendo-se os limites da memória individual e seu caráter lacunar, que é muitas vezes preenchido com tons ficcionais, é válido trazer a contribuição do relato na medida em que o colocamos em contraste com a literatura prévia sobre os “fatos” e a cobertura da imprensa, assim como a visão do pesquisador. Trata-se de uma contribuição, menos perto de ser um atestado de veracidade e mais uma tentativa de confrontar mitos e narrativas reproduzidas ao longo do tempo. Segundo Dosse, trazer o gênero biográfico para a discussão acadêmica é uma possibilidade válida. Neste ponto, o autor traz o exemplo de biografias escritas por historiadores, que visam:

Combater as injustiças perpetradas pelo tempo, mas também distanciar-se das lendas duradouras a fim de impor um ponto de vista mais imparcial – o do historiador – parece, pois, representar bem uma das motivações maiores dos biógrafos. (DOSSE, 2009, p. 112)

Partindo deste pressuposto teórico, trazer o relato de vida para a pesquisa se torna plausível se confrontada com outras fontes, pois “[q]ualquer história biográfica é apenas uma hipótese confrontada com o acervo documental, expressão de dúvidas, irresoluções e simulações imaginárias.” (DOSSE, 2009, p. 294)

3.4 Lejeune e a autobiografia

O teórico literário e especialista em autobiografias Phillipe Lejeune diz que as obras classificadas como “escritas de si” têm como premissa indispensável que o autor, o narrador e a “pessoa de quem se fala” tenham a mesma identidade. Tal identidade assumida é o que o teórico chama de “*pacto autobiográfico*”. Assim, “o que define a autobiografia para quem lê é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio.” (LEJEUNE, 2008, p. 33). Desta maneira, as autobiografias analisadas

neste trabalho possuem peculiaridades, pois a obra de Eduardo Gonçalves Andrade (Tostão) se enquadra como uma autobiografia literária, sendo “ao mesmo tempo um discurso verídico e uma obra de arte” (LEJEUNE, 2008, p. 61), uma vez que contém reflexões, interpretações e divagações para além dos fatos da vida do autor. Já na obra de Edson Arantes do Nascimento (Pelé), segundo as premissas de Lejeune, há uma infração ao “*pacto autobiográfico*”, pois existe uma assessoria por trás da escrita, dos jornalistas Alex Bellos e Orlando Duarte, mesmo com a tentativa de vincular o autor pelo nome próprio, o personagem e o narrador na primeira pessoa a Pelé. Porém, não há nada de antiético numa escrita em colaboração, sendo que Lejeune apenas recomenda que tal relação deve ser explicitada. Assim, o livro de Pelé se torna um gênero intermediário entre a biografia e a autobiografia, pois, segundo Lejeune, o redator deixa seus “traços”, interpretações e pequenas edições.

Porém, assim como no caso das biografias abordadas por Dosse (2009), as autobiografias, com todos os seus limites, podem contribuir para as discussões acadêmicas, como bem descreve Lejeune:

Certamente é impossível atingir a verdade, em particular a verdade de uma vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo discursivo e atos de conhecimento, um certo tipo de relações humanas que nada tem de ilusório. [...] A autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da criação artística. (LEJEUNE, 2008, p. 104)

Lejeune (2008), assim como Dosse (2009), também vê o relato de vida como um gênero literário entre o romanesco e o factual, mas, antes, um construto da imagem que o autor quer passar de si mesmo, seus limites, seletividade e sua subjetividade. “Ora, é óbvio que uma narrativa de vida não fornece diretamente o vivido de outrora, mas o que permanece dele na memória de hoje.” (LEJEUNE, 2008, p. 160). Portanto, se faz necessário lembrar que o relato de vida de um protagonista, como Tostão (2016), por exemplo, se dá em meio a um processo de reconstrução e rememoração de um evento que ocorreu 46 anos antes, levando a implicações sobre a memória, suas lacunas, suas novas interpretações. Como destacam Salvador & Soares (2009): “[o] passado é editado, ele não é transparente nem para aqueles que protagonizaram os eventos. O que importa é o seu significado no presente para os atores sociais.” (SALVADOR & SOARES, 2009, p. 104).

3.5 A memória da Copa de 1970

Os pesquisadores Marco Antônio Santoro Salvador e Antônio Jorge Soares (2009) seguem a premissa de Pollak (1989), segundo a qual a memória é um lugar de “disputas em que os esquecimentos e os silêncios desempenham um papel fundamental” (SALVADOR & SOARES, 2009, p. 2). Para os autores, a mídia é vista como uma guardiã da memória social. Em interpretação sobre a memória da Copa de 1970, os autores afirmam que os veículos midiáticos atuais reforçam o discurso da “ginga”, do “talento inato” e da “arte” como elementos constituintes da identidade nacional reproduzidos no futebol, ao mesmo tempo em que se esquecem do *Planejamento México*, de seu esforço científico de preparação militar, e da disciplina, que contribuíram para a conquista daquele torneio. Tal silenciamento sobre o papel dos militares surge “[p]ossivelmente em função das feridas históricas ainda abertas sobre os desmandos da ditadura. [...] Esse hiato acabou por demonizar a história da educação física no Exército por associá-la à ditadura militar.” (SALVADOR & SOARES, 2009, p. 73). Ao revisitarem a cobertura da Copa pela imprensa da época, os autores notam outro tipo de abordagem que valoriza o *Planejamento México* e a “[e]quipe técnica altamente qualificada, que realizou e executou um planejamento baseado nos conhecimentos científicos e tecnológicos mais avançados na época” (SALVADOR & SOARES, 2009, p. 3), tudo isso sem se esquecer do discurso do “futebol-arte”. Estes enquadramentos e mudanças de narrativa provenientes de uma importante fonte social de memória, como a imprensa esportiva, ajudam a perpetuar uma imagem dos tempos áureos do futebol brasileiro, cumprindo a função de reafirmar uma tradição, um modelo e uma identidade que nem sempre condizem com a realidade.

A partir destas pistas sobre a abordagem da imprensa esportiva na Copa de 1970 e suas implicações sobre a construção das narrativas sobre aquele período, tratarei na próxima Seção da análise de um periódico de grande circulação, que fora criado e tornou-se popular naquele contexto, com vistas a investigar as relações entre a seleção e o regime.

3.6 A imprensa e a Copa de 1970: uma análise da revista *Placar*

A revista *Placar*, da Editora Abril, foi escolhida para representar os relatos da imprensa à época após minha leitura do artigo “*Placar: 1970*”, de João Malaia, incluso na obra *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil* (2012), organizada por Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Victor Andrade de Melo. Por se tratar de um periódico semanal que surgiu no ano de 1970, com uma proposta editorial mista entre a crítica e a neutralidade “simpática” ao *status quo*, como revela Malaia (2012, p. 153), tornou-se duplamente interessante para este trabalho, uma vez que a cobertura inicia-se desde a demissão de João Saldanha e prolonga-se por toda a Copa do Mundo daquele ano. O periódico revela um ponto limítrofe de aceite da censura à época, ou seja, até onde a crítica à administração da seleção era permitida.

Segundo o autor, o lançamento do semanário marcou uma época, já que não havia uma grande revista semanal sobre futebol, criando uma concorrência feroz com o *Jornal dos Sports*. O pré-lançamento da *Placar* começou com seis volumes experimentais, datados de 03 de fevereiro a 13 de março de 1970, e o primeiro número oficial data do dia 20 de março de 1970.

Malaia (2012, p. 149-153) também cita dados do contexto político do regime militar e suas reverberações na liberdade de imprensa, uma vez que a repressão estava em seu auge e atingia fortemente os meios de comunicação. Com a denominada Lei de Imprensa, promulgada em 1967, a repressão tornara-se legalizada, e membros da imprensa que cometessem “abusos” (nestes termos) seriam punidos nos termos da lei. Tais “abusos” eram expressos logo no Art. 1º, também citado por Malaia (2012, p. 150); “Não será tolerada a propaganda de guerra, de processos de subversão da ordem política e social ou de preconceitos de raça ou classe.”¹⁹ No ano seguinte, com a promulgação do AI-5, houve nova ofensiva contra a liberdade de imprensa, uma vez que, segundo Malaia (2012, p. 151), no mesmo dia da assinatura do referido Ato Institucional, cópias de um manual de instruções sobre a conduta recomendada para jornais e revistas foram

¹⁹ BRASIL. Lei n. 5.250, de 9 de fevereiro de 1967. Regula a liberdade de manifestação do pensamento e de informação. Brasília, em 9 de fevereiro de 1967; 146º da Independência e 79º da República. (grifo meu) Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15250.htm <Acesso: 02 jun. de 2020>

entregues nas principais redações do país. O manual versava sobre o respeito à “Revolução de 1964” e sobre notícias tendenciosas que pudessem gerar “intranquilidade ao povo em geral.” (MALAIA, 2012, p. 153). Como se não bastasse, em 1970, o Decreto-Lei nº 1.077, de Médici, instituiu a censura prévia, como podemos resumir em seus dois primeiros artigos: “Art. 1º: Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação.”²⁰; “Art. 2º: Caberá ao Ministério da Justiça, através do Departamento de Polícia Federal verificar, quando julgar necessário, antes da divulgação de livros e periódicos, a existência de matéria infringente da proibição enunciada no artigo anterior.”²¹ Neste contexto repressivo, é particularmente interessante verificar as matérias da *Placar* e seu cumprimento ou não da legislação vigente:

Observar a maneira como essa revista se comportou durante suas primeiras edições, no momento da instauração da censura prévia, revela dois dos aspectos que considero de maior relevância no estudo da imprensa esportiva em períodos de exceção: a presença de um discurso político crítico de grande amplitude, possibilitado por duas ‘licenças’, a esportiva e a humorística; e a linha tênue entre essa crítica e a necessidade e/ou opção ideológica de alinhamento com o regime em vigor. (MALAIA, 2012, p. 153)

Como complemento ao estudo de referência, analisarei as outras quinze edições da revista, nos três meses subsequentes, desde a sua terceira edição, em 03 de abril de 1970, até a sua décima sexta edição (uma vez que a edição nº 14 contou com uma edição extra, 14A), em 03 de julho de 1970, período que cobre a preparação da Seleção Brasileira no México, os jogos da Copa do Mundo e termina com a edição especial sobre a conquista do tricampeonato mundial.

²⁰ BRASIL. Decreto-Lei n. 1.077, de 26 de janeiro de 1970. Dispõe sobre a execução do artigo 153, § 8º, parte final, da Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 26 de janeiro de 1970; 149º da Independência e 82º da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del1077.htm <Acesso: 02 jun. de 2020>

²¹ Idem.

3.6.1 *Placar*, nº 1, 20 de março de 1970 e *Placar*, nº 2, 27 de março de 1970, segundo João Malaia

Em seu texto, Malaia (2012, p. 149-170) analisa as duas primeiras edições da revista, onde o tema central é a cobertura sobre a demissão de Saldanha e sua substituição por Zagallo. O momento de lançamento da revista acontece em meio à “crise da seleção brasileira”. Nota-se, nas primeiras edições matérias polêmicas que falavam de jogadores “baladeiros e rebeldes” e também de atletas que enfrentaram o *status quo*, como Afonsinho e a sua luta pela Lei do Passe. Ambas matérias atentavam contra a “moral e os bons costumes”, proibidos pelo decreto de Médici anteriormente citado.

No bojo da demissão de Saldanha, a revista número 1 cita questões extracampo vindas dos comportamentos temperamentais do técnico, listando os fatores da “crise”:

- 1) O processo do médico do Santos contra Saldanha que o chamou de criminoso, acusando-o de omitir a condição física de alguns atletas.
- 2) A ameaça a Yustrich, na invasão do CT do Flamengo, que lhe rendera outro processo por agressão ao porteiro das instalações.
- 3) Tentativa de agressão ao repórter da Rádio Guaíba, que o questionou sobre o episódio acima.

Mais à frente na publicação, seguindo a análise de Malaia (2012), Hamilton Almeida, editor da revista à época, redigiu um artigo chamado “João Quixote”, apoiando veementemente o treinador, criticando os “cartolas” e dizendo que a briga de Saldanha era “digna de um João-Quixote puro, líder e síntese da imagem de um povo [...]”²². Tal crítica explícita denota amparo na própria Lei de Imprensa, que deixava brechas para a crítica humorística e esportiva.

Eis aqui mais um belo exemplo de um discurso contrário àquele entendido pelo governo como o ideal para a imprensa. Lembremos da legislação do período, que acenava com ameaça de prisão aos editores que publicassem matérias que levassem à subversão, à agitação política. (MALAIA, 2012, p. 157)

²² ALMEIDA, Hamilton. João-Quixote. Seção “Tiro Livre”. *Placar*, nº 1, 20 de março de 1970, p. 5.

Na edição seguinte, número 2, foi publicada a matéria sobre a recente demissão: “João Técnico morreu brigando”. Dentre os motivos listados para a demissão de Saldanha, consta o interesse do governo pela Seleção, referindo-se à reunião do ministro da educação Jarbas Passarinho com João Havelange e ao discurso de Saldanha que relatara perseguição política, na matéria “Carta aberta ao Futebol Brasileiro”.

A seguir, na matéria “Intervenção do futebol, depois da Copa”, novamente são apontadas a conversa de Passarinho com Havelange e a pressão para este último colocasse um ponto final na crise. Porém, é ressaltado que o ministro não orientou diretamente a demissão do treinador, somente exigiu o fim da crise via CND (Conselho Nacional de Desportos, órgão de fiscalização estatal dos esportes, criado ainda no Governo Vargas, em 1941, pelo Decreto-Lei 3.199²³). Na mesma edição, outra vez, o editor Hamilton Almeida saiu em defesa do treinador e desafiou Havelange em críticas, citando até mesmo o interesse de Médici no futebol.

Há também, nesta edição número 2, interessantes simbolismos contidos em imagem: a disposição das fotos de Saldanha e Zagallo, nas páginas 8 e 9, e suas respectivas legendas carregam, segundo Malaia (2012), certo posicionamento dos editores frente à substituição dos técnicos. Na primeira foto, aparece o dirigente Silvio Pacheco olhando seriamente, de braços cruzados e de cima para baixo, para Saldanha, com a legenda: “A CBD já não suportava Saldanha. Silvio Pacheco fazia questão de mostrar sua antipatia.” Na foto da página seguinte, de Zagallo aparece também no plano inferior da imagem, com um militar acima e a seguinte legenda: “O anjo-da-guarda de Zagallo mais uma vez o favoreceu: na estreia, vitória de goleada.” Para Malaia (2012), o anjo-da-guarda seria representado pelo militar. Mais à frente, a charge do cartunista Henfil (conhecido por trabalhar no jornal de resistência ao regime, *O Pasquim*) denota forte apoio a Saldanha e culpabiliza os “cartolas” (dirigentes) por sua queda. Assim, o autor conclui que “[a]través de montagens fotográficas e do traço de Henfil, mais elementos se somavam ao discurso crítico em relação à organização do futebol brasileiro.” (MALAIA, 2012, p. 165).

²³ BRASIL. Decreto-Lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Rio de Janeiro, 14 de abril de 1941, 120º da Independência e 53º da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del3199.htm <Acesso: 02 jun. de 2020>

Porém, Malaia (2012) também cita as matérias que apoiavam o *status quo*, como as propagandas da loteria esportiva. O autor se pergunta se esse apoio se deu pela questão financeira ou por opção ideológica dos editores, pois, “[d]essa maneira, a revista se mostrava em consonância com um dos projetos mais importantes da Ditadura Militar em relação ao esporte” (MALAIA, 2012, p. 167). Neste caso, ele conclui que a probabilidade de apoio à loteria pela questão financeira seria mais razoável de se pensar. Já na crônica do editor Maurício Azêdo, criticando a intervenção de um dirigente do clube São Cristóvão que se opôs à realização de um amistoso entre o Flamengo e a Seleção Brasileira no Maracanã (exercendo seu direito, conforme o regulamento do Campeonato Carioca à época), Malaia delata o cunho ideológico à direita e o apoio à “cartolagem”. Atento a essas ambiguidades, analiso as edições seguintes.

3.6.2 *Placar*, nº 3, 03 de abril de 1970

Na capa da edição, se evidencia uma incrível polêmica para o auge da censura: “Desviaram dinheiro da Seleção!”. A matéria, abordada nas páginas 2 e 3 do periódico, versa sobre a construção da sede da CBD com dinheiro que supostamente seria destinado às despesas do selecionado. O documento que atesta o fato é a cópia de um boletim informativo da entidade, datado de outubro de 1969, no qual se informa a origem da verba, os valores e a construtora responsável. Segundo a *Placar*, a construtora seria de propriedade do cunhado de João Havelange.

Nas páginas 6 e 7 do mesmo número, existem 14 pontos sugestivos de melhoria da gestão do futebol brasileiro, propostos por nada mais, nada menos, que João Saldanha, em encontro com o ministro Jarbas Passarinho. Tais pontos contam com comentários do próprio “João sem-medo”. A reunião aconteceu dias após a demissão de Saldanha e de suas diversas entrevistas sobre irregularidades na CBD repercutirem por todo país, conforme confirma Chaim (2014, p. 81). Tal fato é curioso, pois atesta um clima “cordial” entre partes supostamente antagônicas: o ministro disposto a ouvir e Saldanha disposto a propor melhorias, diretamente para o seu suposto algoz, que teria pedido a Havelange a sua demissão, conforme sugerem algumas interpretações de analistas. Dentre os pontos reivindicados, destaca-se a recomendação para que a Seleção Brasileira fosse proibida de receber verba de patrocinadores, uma vez que

[t]em-se observado, indiretamente, que o patrocínio comercial impõe exigências que influenciam até na escalação da Seleção. É o caso do contrato da firma que patrocina a Seleção Brasileira, cuja cláusula principal prevê a presença constante de um determinado jogador (Pelé) no time, sem ressalva alguma.²⁴

Já na Coluna “Está Falado”, na página 22, há uma insinuação (que não se concretizou) de que o Antônio do Passo, o então presidente da comissão técnica da seleção, seria substituído no cargo pelo Coronel Érico de Castro, diretor do EsEFEx, (de onde vieram a maioria dos profissionais militares que compuseram a comissão técnica da seleção). A ilação conta com um tom irônico que sugere a interferência militar na seleção, vejamos: “Passo desmente, mas Havelange, presidente da CBD, foi ‘aconselhado’ a substituí-lo e já tem um nome”²⁵. Assim, com o termo aconselhado entre aspas, fica a sutil suposição de que teria sido uma ordem superior.

3.6.3 *Placar*, nº 4, 10 de abril de 1970

Nesta edição, há uma entrevista polêmica, na Seção “Cara a cara”, com Didi, ex-jogador bi-campeão mundial com a Seleção Brasileira, que figurava como técnico da Seleção Peruana naquele período. A entrevista continha denúncias de que haveria corrupção dos árbitros na Copa do Mundo de 1970, supostamente comandadas por uma “máfia” que envolvia a influência de árbitros nos resultados: “[e]xiste uma ‘máfia’ no futebol e quem não a conhecer ou não souber usá-la não ganhará a Copa do Mundo [...] o nosso Didi, técnico do Peru, previne o Brasil para a ‘guerra da Copa’.”²⁶ O ex-craque ainda afirma que nas Copas do Mundo de 1958 e 1962 a seleção foi ajudada por tal “máfia” em diversos momentos. O curioso neste caso é que a “conspiração” denunciada por Didi não sofreu sanções da censura.

Já na página 25 da edição, o famoso cartunista Henfil retoma um tema da edição anterior da revista, a respeito da reunião do ministro Jarbas Passarinho e de João Saldanha e, especificamente sobre a suposta exigência dos patrocinadores na escalação de Pelé. Na charge, o personagem Zeferino diz: “Bolei uma fórmula que, acho, irá

²⁴ SALDANHA, João. A revolução de Saldanha. *Placar*, nº 3, 03 de abril de 1970, p. 7.

²⁵ Está falado. *Placar*, nº 3, 03 de abril de 1970, p. 20.

²⁶ LAURENCE, Michel. Cara a cara. *Placar*, nº 4, 10 de abril de 1970, p. 10.

atender aos louváveis interesses ‘comerciais’ da CBD e ao interesse do escrete nacional...”²⁷. Nas ilustrações seguintes, Henfil mostra Rivellino interrompendo uma jogada com Tostão e pedindo ao juiz para que pare a partida para um comercial. Na cena seguinte, Pelé aparece como um rei sendo carregado por súditos em um típico meio de transporte da nobreza acompanhado de uma banda e de duas pessoas carregando uma faixa com uma propaganda: “Faça como Pelé, use pasta XIXA”.²⁸

Em um contexto onde o governo teria extremo interesse na administração da seleção, é, no mínimo, curioso que a censura não tenha barrado críticas tão claras ao comando da CBD.

3.6.4 *Placar*, nº 5, 17 de abril de 1970

Neste número, na página 10, há um relato da reivindicação do zagueiro Fontana ao General Syzeno Sarmento, que visitava a concentração da seleção. No diálogo reproduzido, o atleta pedia a intervenção do general junto ao presidente Médici para que isentasse os jogadores de futebol do pagamento de imposto de renda, com a justificativa de que a carreira dos mesmos era curta demais. Como relatado por Chaim (2014) e Guterman (2009), tais “reivindicações de classe” eram comumente realizadas pelos jogadores junto ao governo federal.

3.6.5 *Placar*, nº 6, 24 de abril de 1970

Pela primeira vez, o *Planejamento México* é abordado, ainda que indiretamente. No artigo analisado²⁹, no qual os autores refletem sobre o motivo pelo qual a seleção ainda não agradava os torcedores, é citado o tempo de sobra para o aprimoramento do escrete e o excelente preparo físico, ambos fatores fundamentais contidos no cronograma oficial da seleção. Ao longo do artigo, encontram-se diversas comparações

²⁷ Henfil. Henfil apresenta: Zeferino. *Placar*, nº 4, 10 de abril de 1970, p. 25.

²⁸ Idem.

²⁹ VALLE JUNIOR, Hedyll ; AQUINO, José Maria. Uma seleção sem apoio. Por quê ?. *Placar*, nº 6, 24 de abril de 1970, p. 4-6.

sobre o planejamento da seleção de 1970 em relação ao planejamento das três últimas seleções brasileiras que disputaram as Copas do Mundo anteriores (1958, 1962 e 1966).

Até o momento, ela [a Seleção Brasileira] fez oito jogos-testes e tem mais duas partidas – pelo menos – marcadas para o Brasil, contra a Bulgária e a Áustria. Tem ainda três jogos marcados para o México, em Guadalajara, Irapuato e León. Fez sete treinos de campo (90 minutos) [...] Hoje, a mais de um mês de nossa estreia, a Seleção já fez mais [jogos preparatórios para a Copa do Mundo] do que todas as outras [Seleções Brasileiras de 1958, 1962 e 1966]³⁰

Sobre o preparo físico, classificado como excelente, a matéria diz o seguinte: “[t]raçou-se um gráfico, dividido por semanas, no qual se vê a evolução do trabalho. Utilizam-se testes e métodos estrangeiros.”³¹ Ainda no mesmo artigo, o número enxuto de 26 convocados é tido como um fator positivo, em contraposição ao número absurdo de 1966, por exemplo.

3.6.7 *Placar*, nº 7, 01 de maio de 1970 e *Placar*, nº 8, 08 de maio de 1970

Os números 7 e 8 contêm quase que exclusivamente uma abordagem do que chamamos de “campo e bola”, ou seja, o foco exclusivo nas temáticas do jogo em si, restritos à prática; escalações, esquema tático e suas possíveis variações, resultados e análise de partidas etc. A matéria principal destaca uma suposta reunião dos jogadores mais experientes, considerados “líderes” do elenco, na qual teriam formado, consensualmente, uma escalação e uma estratégia tática ideais, tendo levado a proposta de forma impositiva ao técnico Zagallo. Além disso, existem páginas dedicadas a propagandas da Loteria Esportiva, onde se contavam breves histórias sobre os vencedores e suas apostas, além de incentivar novos consumidores.

3.6.8 *Placar*, nº 9, 15 de maio de 1970

Sem dúvidas, dentro do material analisado, a edição número 9, do dia 15 de maio de 1970, é a que mais aborda o envolvimento dos militares na Seleção Brasileira,

³⁰ Idem, p. 4.

³¹ Ibidem, p. 5.

pois contém três referências ao presidente Médici e uma referência à figura do major Roberto Câmara Ipiranga dos Guaranys. Este, que seria o encarregado pela segurança da delegação brasileira no México, é tratado no documentário *Memórias de Chumbo: O Futebol nos Tempos do Condor*³², de Lúcio de Castro, como um interventor por excelência, do regime militar, na seleção. Guaranys, cujo histórico de atrocidades nos porões da ditadura seria extenso, é mostrado como “infiltrado” da linha dura da repressão na delegação, com o intuito de monitorar qualquer tipo de “subversão” que se originasse no grupo e, imediatamente, reportar a seus superiores. O relato do sobrinho do major, Eduardo Guaranys, é a fonte utilizada pelos produtores do referido documentário.

Voltando à revista *Placar*, a matéria intitulada “Não se aproxime da seleção”, o major Guaranys declara: “Espalharam que sou agente do SNI e que estou aqui para fichar os jornalistas brasileiros. Ora bolas, todo mundo que sai do Brasil tira passaporte e um visto, por que eu ficharia alguém aqui?”³³. Na fala do major, reproduzida na reportagem, fica explícita a referência aos boatos de que ele seria um elemento infiltrado do regime a favor de seus interesses. Assim, é no mínimo curioso que a reportagem tenha passado pela censura, não sendo razoável pensar que se o major fosse de fato um informante “secreto”, teria sido exposto desta forma na imprensa. Ainda na mesma matéria, Guaranys destaca a importância da segurança do elenco e, em especial, de Pelé, que é considerado um “patrimônio”, “um símbolo do Brasil”. Ao final, mais uma afirmação curiosa a respeito do major, que trata os boatos sobre sua “verdadeira” função em tom jocoso: “Para disfarçar [o clima tenso e intenso de segurança], o major brinca muito. E, quando se aproxima de um grupo de jornalistas brasileiros, começa a gritar: — Olha o homem do SNI chegando. Cuidado, pessoal!”³⁴

Mais à frente, nas páginas 12, 22 e 23, encontrei referências ao presidente Médici. Na primeira destas, há uma matéria a respeito da Loteria Esportiva na qual se vincula um desejo pessoal do general à Copa do Mundo daquele ano: “O presidente Garrastazu Médici queria que o Bolão começasse oficialmente no dia do início da Copa.

³² CASTRO, Lúcio de. *Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor* (Brasil), TV ESPN, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2jMh39g>.

³³ GUARANYS, Roberto Câmara Ipiranga dos. Não se aproxime da seleção. *Placar*, nº 9, 15 de maio de 1970, p. 6.

³⁴ Idem.

Queria também que ele fosse nacional.”³⁵ Nota-se um esforço por parte do comando do regime militar em promover seu produto em meio ao início do megaevento esportivo, em uma clara tentativa de vincular as duas estreias. Já na página 22 do mesmo volume, há uma foto do jogo entre Grêmio e Internacional e, ao lado, uma foto de Médici, na arquibancada, com olhar atento e o icônico rádio de pilhas ao pé da orelha. Na página seguinte, seguindo o artigo “Nasce o Grêmio do povo”³⁶, no qual o autor cita as estratégias do Grêmio para superar o rival Internacional no ano de 1970, há a seguinte afirmação:

[...] aprovou [o Grêmio] uma verba de NCr\$ 5.000,00 para 1970 e quando precisar, pode recorrer a estes torcedores ilustres: Emílio Garrastazu Médici, Presidente da República; Sinval Guazelli, presidente da Caixa Econômica Estadual; Peracchi Barcelos, governador do Estado; João Leitão de Abreu, chefe da Casa Civil da Presidência da República; Luís Carvalho, presidente da Caixa Econômica Federal do Rio Grande do Sul.³⁷

Dessa forma, o leitor é induzido a crer na possível interferência de autoridades públicas no futebol, mesmo que de forma pouco específica no que se diz respeito ao possível auxílio “quando [o clube gaúcho] precisar”.

3.6.9 *Placar*, nº 10, 22 de maio de 1970

Neste exemplar, mais especificamente na página 17, existem pequenas referências ao projeto de adaptação à altitude, contido no *Planejamento México*, iniciado na cidade de Guanajuato: “Os 2 100 metros de altitude permitem que seja realizado o programa de superaclimação planejado pelos médicos e preparadores físicos”³⁸.

3.6.10 *Placar*, nº 11, 29 de maio de 1970

O *Planejamento México* é retomado nesta edição, nas páginas 6 e 7, já com certo destaque e detalhamento. Na página 6, encontra-se uma imagem de um treino físico da

³⁵ Bolão: no Rio, por ora. Seção “De primeira”. *Placar*, nº 9, 15 de maio de 1970, p. 12.

³⁶ APPEL, Roberto. Nasce o Grêmio do povo. *Placar*, nº 9, 15 de maio de 1970, p. 22-23.

³⁷ Idem, p. 23.

³⁸ Dois problemas para a seleção. *Placar*, nº 10, 22 de maio, p. 17.

seleção seguida de uma legenda responsabilizando o capitão Cláudio Coutinho por ser um dos elementos do corpo técnico responsáveis pelo preparo físico da equipe. Na matéria “México, urgente: estamos com um supertime”, existem trechos de uma entrevista concedida por Coutinho aos repórteres da *Placar*. São ressaltados o processo de aclimação e os bons testes físicos exemplificados no teste de Cooper adaptado para cada jogador, conforme detalha o capitão:

A aplicação dos testes de Cooper é uma orientação de medida para os treinadores. Só assim podemos saber quanto cada um dos jogadores precisa em exercícios. Quanto tempo, com que intensidade, para que não se prejudique e não sintam nada. [...] Só a carga ideal, medida, dosada para o organismo de cada um, pode dar bons resultados. É isso que procuramos e para se chegar a isso temos de testar o indivíduo.[...] ³⁹

Ainda na mesma entrevista, Coutinho cita o empenho dos atletas que “compraram a ideia” do preparo físico rigoroso e se comprometeram a cumpri-lo e melhorá-lo:

[...] eles sempre procuram bater os próprios recordes e, assim, o Rivellino procura ser o melhor Rivellino, o Pelé procura ser o melhor Pelé, não se importando em ser melhor que os outros. Eles sempre se interessam em saber se o resultado de hoje foi melhor que o de ontem. ⁴⁰

3.6.11 *Placar*, nº 12, 05 de junho de 1970

Na edição de cobertura da abertura do torneio, novamente o preparo físico é exaltado, como registrado em:

[a] grande euforia dos jogadores e dirigentes da seleção era causada, principalmente, pelo resultado do último teste de resistência física do time — considerado excelente. [...] No primeiro teste *endurance*, feito no Brasil, os jogadores, em média, correram 2 750 metros em 12 minutos. No México, eles estão correndo 2 950 metros em nove minutos. Isto, segundo Carlos Alberto Parreira, seria o mesmo que baixar um recorde mundial de 11 segundos para 10 segundos. ⁴¹

Novamente, registra-se o depoimento de um membro da comissão técnica responsável pela implementação do *Planejamento México*, no caso, o então militar

³⁹ COUTINHO, Cláudio. México, urgente: estamos com um supertime. *Placar*, nº 11, 29 de maio de 1970, p. 7.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ A grande diferença. *Placar*, nº 12, 05 de junho de 1970, p. 3.

ligado EsEFEx, Carlos Alberto Parreira, que por sua vez, seria, 24 anos depois, o técnico da Seleção Brasileira na conquista do tetra campeonato mundial de futebol. Admildo Chirol, militar e preparador físico também ligado à EsEFEx, é citado a respeito dos 21 dias do processo de aclimatação em Guanajuato. O preparo da seleção é considerado exemplar, em toda a matéria, e, além disso, foram feitas comparações com as outras três seleções que compunham o grupo da seleção na Copa: Romênia, Inglaterra e Tchecoslováquia. São destacadas as negligências da Seleção Romena quanto à má preparação para a altitude e para o clima, as viagens em excesso da Seleção Inglesa e, por fim, os treinos curtos e ineficientes da Seleção Tcheca. Por último, é ressaltada a disciplina dos jogadores brasileiros no trecho “[p]roblemas de disciplina também não há na Seleção do Brasil.”⁴²

Na “orelha” das páginas 2, 3, 4 e 5 da edição supracitada, ao lado direito das principais imagens e matérias, existem pequenos depoimentos dos jogadores convocados e algumas caricaturas dos atletas. Tais depoimentos parecem se originar da pergunta: “o que a Copa representa para você?”, uma vez que, apesar de não ser registrada a pergunta, infere-se pelo tipo de resposta dos jogadores, que sempre começa com “[a] Copa representa...” , “ “[a] Copa significa...” , “[a] Copa é...”. Lendo todos os depoimentos, um deles chama bastante a atenção: “ — A copa representa nosso futuro, a independência financeira para os veteranos. Se ganharmos, *só quero receber o que nos prometeu o Presidente Garrastazu Médici: uma concessão da Loteria Esportiva*. Creio que com ela poderei ficar tranquilo para o resto da vida.”⁴³ Na bibliografia analisada na Seção 2 não foram encontrados indícios de tal promessa.

3.6.12 Placar, nº 13, 12 de junho de 1970

Nesta edição, os jogos contra a Seleção Tcheca e contra a Seleção Inglesa recebem praticamente todo o destaque, nas análises de “campo e bola”. A matéria mais interessante para os propósitos deste trabalho diz respeito ao debate entre futebol-força versus futebol-arte, tratados na Seção 2, em especial sobre os reflexos da Copa de 1966

⁴² A grande organização. *Placar*, nº 12, 05 de junho de 1970, p. 4.

⁴³ Brito. *Placar*, nº 12, 05 de junho de 1970, p. 3. (grifo meu)

no processo de modernização do futebol brasileiro. Assim, na página 26 deste exemplar, encontra-se a seguinte descrição:

No grande confronto entre o futebol-força –em 66 isso não aconteceu –e o futebol-arte mais uma vez prevaleceu a habilidade do homem: só um brasileiro seria capaz de driblar em espaço tão pequeno como Tostão conseguiu; só um brasileiro poderia com um leve toque na bola tirar todos os adversários da jogada como Pelé fez. Mas o chute de Jairzinho levou toda violência que caracteriza o futebol-força.⁴⁴

Ao mesmo tempo em que se exalta o estereotipo do jogador brasileiro naquilo que o faz “diferente” dos demais, o futebol-força, antes tão elogiado após o fracasso de 1966, é reduzido a sua face de violência.

3.6.13 *Placar*, nº 14, 19 de junho de 1970

Na edição número 14 da revista *Placar*, a cobertura principal é sobre a vitória da Seleção Brasileira sobre a Seleção Romena, ainda pela fase de grupos, e a vitória válida pelas quartas-de-final do torneio contra a Seleção Peruana. O que me chamou a atenção nesta edição foi o grande destaque para a modernização ou profissionalização do futebol, exemplificada, como relatado anteriormente, no *Planejamento México*. Nas páginas 12 e 13, a matéria “Revolução no futebol” tem o seguinte subtítulo: “A Seleção faz uma revolução em nosso futebol. Aqui estão as lições que os clubes brasileiros ainda não reconhecem: organização, disciplina e preparação física – um supertime.”⁴⁵ O próprio título e o elogio à disciplina e a organização soam como uma analogia ao regime, seu posicionamento como “Revolução” e seus ideais morais, porém, não me arrisco a afirmar tal suposição. Logo em seguida, no mesmo artigo, o capitão Cláudio Coutinho relata o seguinte sobre a disciplina do elenco: “[...] posso garantir que nem no Exército –e lá o sujeito pode até ir preso se sair da linha – lidei com um grupo tão consciente do que veio fazer, tão responsável.”⁴⁶ A referência direta à instituição militar se mostra interessante, no contexto do artigo.

⁴⁴ As feras amansam o leão da rainha. *Placar*, nº 13, 12 de junho de 1970, p. 26.

⁴⁵ Revolução no futebol. *Placar*, nº 14, 19 de junho de 1970, p. 12-13.

⁴⁶ COUTINHO, Cláudio. *Idem*, p. 13.

Mais à frente, especificamente na página 38, a propaganda da Loteria Esportiva chama a atenção para o fato de que apostadores que não gostam de futebol também podem se valer das benesses do jogo do Governo Federal. Contando a história de uma dona de casa que apostou, apesar do descrédito do marido, e “ficou milionária”. A matéria “Dona Teresinha, agora milionária” é exemplar sobre o interesse dos militares em estender o rol de apostadores para além do torcedor de futebol “médio”, que acompanha seu clube e os campeonatos que disputa. Segue o trecho da peça publicitária: “Foi assim, o primeiro dia de milionária dessa mulher que não entende nada de futebol, nunca foi ao Maracanã, não vê jogos pela televisão e só escuta as transmissões esportivas porque o marido, flamenguista doente, liga o rádio muito alto.”⁴⁷

3.6.14 *Placar*, nº 14A, 19 de junho de 1970

Esta edição extra tem o foco exclusivo na alusão à “vingança” brasileira simbolizada pela vitória por 3 x 1 sobre a Seleção Uruguaia, em partida válida pelas semi-final da Copa do Mundo de 1970. Como se sabe, vinte anos antes, em 1950, na Copa do Mundo realizada no Brasil, os uruguaiois venceram o Brasil em pleno Maracanã, por 2 tentos a 1, e sagraram-se bi-campeões do mundo, no episódio conhecido como *Maracanazo*, já citado na Seção 2. O exemplar rememora a derrota, seus detalhes, jogadores e “traumas coletivos”, ao mesmo tempo em que exalta e supervaloriza a vitória brasileira em 1970 e a descreve como libertação de uma sombra que assolava o futebol brasileiro por muitos anos.

3.6.15 *Placar*, nº 15, 26 de junho de 1970

A “edição da vitória” marca o final da trajetória da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1970, após a vitória sobre a Seleção Italiana na final. Após a matéria principal sobre o jogo e o elástico placar de quatro gols brasileiros contra um gol italiano, a página 8 chama a atenção para sua manchete: “Os super-heróis, os deuses, os

⁴⁷ Dona Teresinha, agora milionária. *Placar*, nº 14, 19 de junho de 1970, p. 38.

supercraques”⁴⁸, marcando o tom apologético, hiperbólico e eufórico de toda a edição. Já na página 18, uma referência ao presidente Médici; “[o] Presidente Médici colocou seu avião à disposição da delegação da CBD, para trazê-la de volta na noite de segunda-feira.”⁴⁹ O avião do governo federal estaria a disposição para o retorno da delegação brasileira no México, mostrando mais uma vez o interesse de Médici pelo futebol e a mistura entre o público e o privado. Outro exemplo patente desta mistura se encontra na página 26, onde o deputado estadual Siloc Tavares, do partido governista ARENA, teve seu projeto aprovado para tornar Pelé, cidadão alagoano. Na fala do próprio deputado: “Pelé é quem mais divulga o nome do Brasil no exterior”⁵⁰. Assim, evidencia-se o interesse na imagem da Seleção Brasileira de futebol e de seu grande destaque, Pelé, para o partido oficial do regime.

3.6.16 *Placar*, nº 16, 03 de julho de 1970

A última edição analisada neste trabalho cobre a chegada da seleção ao Brasil, após o título conquistado no México. A mais notória capitalização da imagem da conquista aconteceu quando a delegação brasileira desembarcou direto em Brasília, para calorosa cerimônia de recepção orquestrada por Médici. Nada diferente do que já foi tratado na Seção 2, sobre a capitalização política de feitos esportivos⁵¹, a não ser pelo polpudo cheque entregue pelo general aos jogadores, relatado na página 2 deste exemplar:

A partir das 11 horas de terça-feira, dia 23, Brasília e o governo pararam. [...] O presidente Médici cumprimentou Zagallo, abraçou todos os jogadores e depois fez que cada um deles subisse ao parlatório e erguesse a taça para o povo, que aplaudia sem parar. Depois, o presidente ofereceu um almoço à delegação (quase 4 horas da tarde); à sua mesa sentaram-se João Havelange, presidente da CBD, o brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da delegação, e Calos Alberto, nosso capitão. [...] Após o almoço, Zagallo e cada um dos jogadores receberam um cheque de Cr\$ 25 000,00, dado pela Caixa Econômica Federal, por ordem do presidente Médici.⁵²

⁴⁸ Os super-heróis, os deuses, os supercraques. *Placar*, nº 15, 26 de junho de 1970, p. 8.

⁴⁹ Avião bom faz escala no Panamá. *Idem*, p. 18.

⁵⁰ TAVARES, Siloc. “Está falado”. *Ibidem*, p. 26.

⁵¹ Ver: De Vargas a Bolsonaro, presidentes buscam carona na seleção. *Folha de São Paulo*, 06 jun. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/06/de-vargas-a-bolsonaro-presidentes-buscam-carona-na-selecao.shtml> <Acesso: 02 jun. de 2020>

⁵² “A volta dos deuses do futebol”. *Placar*, nº 16, 03 de julho de 1970, p. 2. (grifo meu)

O prêmio dado com dinheiro público não é problematizado pelo semanário. Como se não bastasse, o prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, integrante do partido governista ARENA, doou, com o dinheiro do município, 25 veículos modelo Fusca, para 25 membros da comissão técnica, sendo os 22 jogadores, o técnico Zagallo, o massagista Mário Américo e o preparador físico Admildo Chirol. Na capa do jornal *Folha de São Paulo*, se relatava sem constrangimento: “Foi numa cerimônia ontem, às 19 horas, no Ibirapuera, que 25 integrantes do selecionado brasileiro que foi ao México receberam, das mãos do prefeito Paulo Maluf, os carros com que o povo de São Paulo os homenageou.”⁵³ Mais à frente, na página 20 do mesmo jornal, se detalhava: “Os automóveis traziam sobre o porta-malas uma dúzia de rosas vermelhas cada um. No para-brisa traseiro, além do emblema da concessionária, havia um plástico com os dizeres: ‘Brasil, ame-o ou deixe-o’.”⁵⁴ Desta forma emblemática, com o slogan nacionalista do regime, os “heróis” brasileiros foram agraciados pela conquista nos gramados mexicanos.

Em suma, pude notar nos números analisados a recorrente propaganda da Loteria Esportiva, programa fundamental do governo federal no campo esportivo. Nota-se algumas referências ao presidente Médici e a seu gosto por futebol, assim como alguns elementos que indicam o interesse governamental no futebol, tais como a disponibilização de recursos públicos (prêmios, transporte, cerimônias) aos integrantes da seleção. Como esperado, por conta da censura, não foram encontradas críticas abertas ao regime e sua influência na Seleção Brasileira, apesar de, sempre que possível, criticarem a gestão de João Havelange à frente da CBD, o que não deixa de ser uma crítica ao alto escalão da administração do esporte brasileiro, tão próximo aos militares. O *Planejamento México*, fruto do empenho dos militares da comissão técnica, é exposto e valorizado em alguns volumes, destacando o excelente preparo da seleção, ao mesmo tempo em que o “futebol-arte” é exaltado, mantendo a perpetuação de uma tradição e de uma identidade.

⁵³ Tricampeões receberam os carros. *Folha de São Paulo*, 21 de julho de 1970, p. 1. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3726&keyword=ame%2Co&anchor=4351213&origem=busca&pd=ebcf35f7034be473e672bb1729cb9337> <Acesso: 02 jun. de 2020>

⁵⁴ Idem, p. 20. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=3726&keyword=ame%2Co&anchor=4351263&origem=busca&pd=bf3e9f5cab9c598030919876fe112fa3> <Acesso: 02 jun. de 2020>

3.7 O relato rememorado dos protagonistas

Nesta Seção, apresento as versões de quatro protagonistas da Seleção Brasileira de 1970. Separei as narrativas em eixos temáticos, sobre os principais pontos da relação entre o regime e a seleção, conforme observados na análise da literatura prévia feita na Seção 2. Nas páginas que seguem, os atores são descritos em uma pequena introdução biográfica e, posteriormente, apresentadas suas versões, opiniões ou silêncios sobre os episódios da Copa do Mundo de 1966 e as reverberações na administração da seleção, sua visão geral sobre a *Política*, naquele contexto de repressão, os comentários sobre a figura de *Médici* e o seu envolvimento com futebol, as interpretações sobre o caso da demissão de *Saldanha* e, por fim, são apresentadas as suas respectivas percepções sobre a influência do *Planejamento científico* (e sua expressão no *Planejamento México*) no desempenho vitorioso da equipe. As categorias acima destacadas em itálico foram encontradas a partir da análise dos textos e dos assuntos que os protagonistas tratavam em comum, quando se referiam ao período da Copa do Mundo de 1970.

3.7.1 Tostão

Eduardo Gonçalves Andrade, mais conhecido pela alcunha “artística” de jogador de futebol, “Tostão”, é um protagonista especial da Seleção de 1970. Digo especial, pois, além de excepcional jogador que vivenciou o período analisado neste trabalho, Tostão inclui em suas memórias reflexões para além “do campo e da bola”. Dentre os relatos de vida dos personagens analisados, Tostão, de longe, é o que mais fala, reflete e opina sobre as relações entre a seleção brasileira e a ditadura. Reconhecido internacionalmente, teve sua carreira de jogador profissional abreviada, aos 26 anos, após complicações em virtude de uma lesão ocular que tivera anos antes, em 1969, enquanto jogava uma partida pelo Cruzeiro Esporte Clube⁵⁵. Após o término da carreira, dedicou-se por 21 anos (1973-1994) ao estudo e exercício da Medicina. A partir de então, voltou ao campo futebolístico como comentarista e cronista. Escreve (com maestria) até os dias de hoje.

⁵⁵ Tostão é considerado um ícone do clube mineiro, onde atuou de 1963 a 1972, contando a passagem pelas categorias de base. Até hoje, é o maior artilheiro da história do Cruzeiro, tendo anotado 245 gols pela equipe celeste. Disponível em: https://cruzeiropedia.org/Anexo:Maiores_artilheiros_do_Cruzeiro <Acesso: 17 mai. de 2020>

A “fera de ouro”⁵⁶ teve de enfrentar a lesão no olho que quase o tirou do futebol e, posteriormente, da Copa do Mundo. Segundo Tostão (1997), o apoio de João Saldanha foi fundamental nesse período. Com a chegada de Zagallo e a notícia de que seria reserva de Pelé, teve de convencer o novo treinador em campo. Os livros analisados no presente estudo são *Lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol* (1997) e, respectivamente, *Tempos vividos, sonhados e perdidos* (2016), ambos de autoria do próprio Tostão, que podem ser classificados como autobiografias literárias, na medida em que o autor mistura reflexões e divagações ao relato e às crônicas de sua carreira.

3.7.1.1 1966

O autor, que fora convocado, na ocasião, para sua primeira Copa do Mundo diz que “[...] com exceção de Pelé, era nítida a decadência dos bicampeões do mundo.” (TOSTÃO, 2016, p. 29). Além da baixa expectativa sobre aquele elenco veterano, Tostão relata ainda, em compilação, os equívocos da preparação para o torneio:

[...] falta de seriedade na preparação técnica e física; a preocupação excessiva dos dirigentes em atender aos políticos e à ditadura; a ausência de um time, de um conjunto; a imaturidade técnica dos mais jovens; a soberba em achar que o futebol brasileiro era muito melhor que os outros; e o fato de ter enfrentado duas fortes equipes: Portugal e Hungria. (TOSTÃO, 2016, p. 29, grifo meu)

Reconhecido na crônica esportiva brasileira por seu olhar abrangente sobre os fatos que analisa, Tostão não foge a esta regra ao lembrar dos motivos para o desempenho insuficiente da Seleção Brasileira de 1966. É interessante notar que, mesmo antes do primeiro grande ponto interventor do regime militar na seleção, ou seja, o Plano Nacional de Esportes, de Costa e Silva, como visto na Seção 2, Tostão já cita a influência da ditadura na administração do escrete. Neste trecho, ele se refere às visitas de políticos à concentração da seleção durante o processo preparatório e das viagens para amistosos, supostamente para atender interesses políticos regionais.

⁵⁶ Outra alcunha atribuída a Tostão, que viria a se tornar nome de um documentário: *Tostão, a fera de ouro*, dirigido por Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite, que fora produzido em 1969, durante as Eliminatórias.

A “fera de ouro” também é contundente em sua obra quando fala sobre os dilemas provocados pelo desempenho decepcionante do selecionado canarinho:

Após o mundial, havia um grande pessimismo. Quase todos diziam que o futebol habilidoso, moleque, criativo, de muita improvisação e de muitos efeitos especiais, quer era característica do futebol brasileiro, estava ultrapassado. Quase todos exaltavam o jogo coletivo, a força física, a velocidade, a marcação e a objetividade dos europeus, especialmente dos ingleses. (TOSTÃO, 2016, p. 35)

Tostão segue a linha da maioria dos intérpretes analisados neste trabalho que, de uma forma ou de outra, reconhecem que a ascensão do chamado “futebol moderno” ou “futebol-força”, profissionalizado em sua preparação física e rigor tático, estava em pleno debate entre os atores envolvidos no futebol (imprensa, torcedores, jogadores, dirigentes), tornando-se o germe do *Planejamento México*.

3.7.1.2 Política

Tostão (2016) relata um episódio curioso, no qual o presidente deposto pelo regime militar, em 1964, João Goulart, fez uma visita ao selecionado brasileiro, quando este disputava a Copa Rio Branco⁵⁷, em 1967, em passagem por seu local de exílio, o Uruguai. Segundo Tostão,

[o]s dirigentes falaram que ninguém precisava ficar para recebê-lo e, mais que isso, nos induziram a não estar presentes. Poucos o esperaram. Conversamos principalmente sobre futebol. Para satisfazer minha curiosidade, tive vontade de perguntar a ele outras coisas, mas achei que não devia. Foi uma rápida visita, que passou despercebida pela imprensa. (TOSTÃO, 2016, p. 38)

Mesmo sem citar os detalhes ou quem teria induzido ou persuadido os jogadores a rejeitarem a visita do exilado, este é outro ponto interessante na narrativa de Tostão a respeito do ambiente pouco propício que se criara para falar sobre oposição ao regime, naquela altura. Mais à frente, o craque volta a insistir que “não havia clima” para se falar de política na seleção, relatando que “[n]ão se falava em política na seleção de

⁵⁷ Ver fichas de jogo 339 e 340, sobre os jogos citados por Tostão, realizados no Uruguai. Disponível em: <https://www.rsssfbrasil.com/sel/brazil196768.htm> <Acesso: 17 mai. de 2020>

1970. Ninguém deu ordens, mas era evidente que não seria permitido. Não havia ambiente [...]” (TOSTÃO, 1997, p. 62)

A respeito de suas convicções políticas pessoais, Tostão se declarou avesso ao regime militar, pois “[e]ra o auge da ditadura que eu tanto detestava.” (TOSTÃO, 1997, p. 62).

Apesar disso, o ex-jogador discorda da crítica de que os jogadores foram omissos e complacentes⁵⁸:

Alguns extremistas criticam os jogadores por não terem se rebelado contra a ditadura, como se fôssemos ativistas políticos e tivéssemos que abandonar a Seleção. Éramos todos jovens, sonhadores, ambiciosos, compromissados com a nossa carreira e loucos para ser campeões do mundo. Nada mais humano. (TOSTÃO, 2016, p. 50)

Diferentemente de muitos de seus companheiros, Tostão não se furtava em criticar o regime publicamente e, a título de exemplo, a matéria mais emblemática foi a entrevista ao periódico de resistência *Pasquim*⁵⁹, em maio de 1970. Meses antes, Tostão relata que recebeu um telefonema suspeito, no qual até hoje não sabe se foi uma suposta intimidação por meio de recado, de algum agente do regime militar. O episódio ocorreu logo após as Eliminatórias de 1969 e, na ligação, um admirador anônimo o aconselhou “a ter cuidado nas entrevistas, por causa da ditadura.” (TOSTÃO, 2016, p. 46).

Mais uma vez, a fala do craque caminha para uma espécie de acordo tácito entre os jogadores, para explicar o motivo pelos quais os jogadores não conversavam sobre política, levantando hipóteses acerca de quais seriam estes motivos. Assim como em sua obra de 1997, Tostão reitera que não havia restrições formais:

Na concentração, não havia conversas sobre a ditadura e sobre o que acontecia no Brasil. Além do foco total na Copa, os jogadores não tinham conhecimento ou informações, nem se interessavam sobre o que acontecia no país. Não houve nenhuma ordem expressa para não se falar do assunto, mas se houvesse conversas sobre a ditadura, provavelmente haveria repressão. [...]

⁵⁸ Ver CORNELSEN, Elcio Loureiro; JORGE, Matheus Marinho. *Tostão: lembranças e digressões acerca dos 5 títulos mundiais brasileiros*. Arquivancada, v. 116, p. 1-4, 2019. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/tostao-lembrancas-e-digressoes-acerca-dos-5-titulos-mundiais-brasileiros/> <Acesso: 17 mai. de 2020>

⁵⁹ Ver MARQUES, João Vitor; MATTAR, Tiago. As históricas entrevistas de Reinaldo e Tostão que ‘desafiaram’ a ditadura militar no Brasil. *Superesportes*, 31 mar de 2019. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/31/noticia_interior,575691/historicas-entrevistas-de-reinaldo-e-tostao-que-desafiaram-a-ditadura.shtml <Acesso: 17 mai. de 2020>

Na época, eram poucas as notícias sobre as atrocidades cometidas pelo regime, mas anos depois elas seriam progressivamente conhecidas. (TOSTÃO, 2016, p. 57)

Nota-se certo esforço em justificar-se pelas críticas ao suposto silenciamento dos atletas da seleção de 1970 em face às atrocidades vigentes no Brasil à época. Críticos atuais parecem apontar o dedo para os jogadores sem levar em consideração o nível informacional destes sobre o regime.

3.7.1.3 Médici

Após a Copa, logo ao chegar ao Brasil, fomos para Brasília para sermos recebidos pelo presidente Médici. Era o auge da ditadura que eu tanto detestava, e não queria comparecer. Pensei muito, racionalizei que era preciso ir e que eu não podia confundir política com esporte. Arrependo-me de ter ido, pois era a oportunidade de mostrar a minha indignação como cidadão. (TOSTÃO, 1997, p. 62)

No trecho acima, fica claro o contraste acerca do que Tostão pensara e fizera na época e suas reflexões “atuais”, 27 anos após o evento. O peso social das críticas ao regime recai sobre sua narrativa, uma vez que chegou a pensar que política e esporte não poderiam se misturar e, tempos depois, à luz da “ditadura escancarada”, da redemocratização e do acesso às informações sobre o que se passava no país, mudou sua perspectiva. Neste trecho, extrai-se também que, mesmo naquela época, identificava a capitalização da conquista por Médici e o possível impacto de sua ausência naquela cerimônia.

Nas obras analisadas, Tostão só cita novamente Médici a respeito dos elogios ao jogador Dario. Tostão (2016, p. 49) afirma que a convocação do jogador por Zagallo por ordem do ditador não procede, pois Zagallo apenas optou por um centroavante de estilo mais clássico.

3.7.1.4 Saldanha

Sobre João Saldanha, Tostão o define como um “humanista” e demonstra simpatia pela figura humana do treinador. Em diversas passagens por seus livros e crônicas, enfatiza que o treinador se destacava mais pela sensibilidade com a qual extraía o máximo potencial de cada jogador, com conversas e ajustes, do que como armar bem um sistema tático. Tostão (2016) também nutria certa afinidade política com o treinador, motivo pelo qual não sabe se Saldanha “gostava mais de meu futebol ou de meu comportamento.” (TOSTÃO, 2016, p. 46), uma vez que o treinador sempre passou a confiança de que ele seria titular absoluto da equipe, mesmo em meio às polêmicas da suposta concorrência pela posição de Pelé e pela falta de certeza de suas condições físicas de jogo, após a lesão ocular ao final de 1969 (logo após ter sido o artilheiro e o destaque da Seleção nas Eliminatórias).

Sobre a escolha misteriosa da CBD por Saldanha, Tostão levanta hipóteses sobre a relação entre a contratação e os interesses do regime:

Será que ele foi convidado para levantar o país, que andava desanimado com a Seleção (algo parecido com o que ocorreu com Luiz Felipe Scolari em 2014)? Será que a comissão técnica consultou o ditador Emilio Garrastazu Médici? Será que a ditadura achou acertada a escolha, por ser João Saldanha muito popular (o que alegraria o povo, desde que ele não falasse nada contra o governo)? (TOSTÃO, 2016, p. 41)

A respeito do episódio da saída de Saldanha, Tostão enfatiza que o comportamento do treinador e o contexto político, juntos, forjaram sua queda, em mais uma de suas análises abrangentes:

Por que Saldanha saiu? Não sei. Sabia que ele estava bebendo muito nos momentos de folga, falava de temas políticos, era contrário ao regime militar. Disse que Pelé estava com sérios problemas visuais! Que Médici escalava ministros e ele escalava time [...]. Saldanha, com sua ideologia, comunista, não queria ser usado, junto com a seleção brasileira, pela ditadura. Daí começou a arrumar problemas, consciente ou não, para sair e não compactuar com o regime. (TOSTÃO, 1997, p. 61)

3.7.1.5 Planejamento científico

Se, para Tostão, Saldanha era o “humanista”, Zagallo era o “estrategista”, que ajudou a executar o planejamento científico da seleção, pois, segundo ele: “[...]”

impressionaram-me os conhecimentos técnicos e táticos de Zagallo. [...] comandava muitos treinos táticos, o que eu nunca tinha visto.” (TOSTÃO, 2016, p. 52). Assim, enfatizando a preparação de cunho técnico, Tostão diz o seguinte:

Já havia um grande plano científico feito para as Eliminatórias e para a Copa do Mundo[...] Um dos mentores desse plano foi o capitão Cláudio Coutinho, preparador físico, homem inteligente, que se tornou diretor técnico na Copa de 1970 [...]. (TOSTÃO, 2016, p. 42)

Nota-se o reconhecimento do profissional Cláudio Coutinho na preparação da equipe. Como revelam Salvador & Soares (2009), pouco se fala atualmente sobre a preparação daquele elenco e tampouco se atribui os créditos para os responsáveis. Neste sentido, Tostão mostra lucidez e reconhecimento ao trabalho dos militares-professores inseridos na seleção, por conta dos detalhes que dá em seu texto:

Toda essa programação e o grande trabalho científico feito para as Eliminatórias e para a Copa foram elaborados por um grupo de especialistas comandado por Lamartine Pereira da Costa, oficial da Marinha brasileira [...] Foi um estudo inovador, importante para o sucesso da Seleção na Copa de 1970. (TOSTÃO, 2016, p. 54)

Tostão ainda destaca que o comunista Saldanha convidou os militares para compor a comissão, levando em conta somente o fator técnico. Tal relato aparece em contraposição à memória de Lamartine Pereira, em entrevista concedida aos pesquisadores Salvador & Soares (2009, p. 77-79), na qual relata que teve atritos e contou com a desconfiança de Saldanha. Na versão de Pereira, o imbróglio foi mediado por Cláudio Coutinho, que teria convencido “João sem-medo” a aceitar a sua experiência.

Por fim, os efeitos do preparo físico foram notados por Tostão, uma vez que “[n]o fim de todos os jogos, o time brasileiro crescia em campo, por causa do excepcional preparo físico” (TOSTÃO, 2016, p. 65).

3.7.2) Pelé

Edson Arantes do Nascimento, ou, simplesmente Pelé, é considerado por muitos o maior jogador de futebol de todos os tempos. Participou de quatro Copas do Mundo como jogador, vencendo três (1958, 1962, 1970). Na Copa de 1966 foi bastante criticado (apesar de ter se lesionado durante o torneio) junto ao elenco da Seleção Brasileira, pelo mau desempenho. A obra analisada neste estudo é *Pelé: a autobiografia*, em que o ex-jogador contou com auxílio o dos redatores Alex Bellos e Orlando Duarte.

3.7.2.1 1966

Pelé dedica várias páginas ao despreparo e amadorismo da preparação para a Copa do Mundo de 1966. A soberba de achar que o Brasil, atual bicampeão, não teria dificuldades em vencer o torneio é listada como um dos fatores inclusos ao desastre. Concorrência entre os atletas em tom de animosidade, viagens para todo o Brasil e desentendimento entre dirigentes, esta foi a receita do fracasso, segundo Pelé. “Todas as idas e vindas, os treinos, os jogos, a mudança de clima e alimentação, a falta de preparação adequada, o excesso de confiança dos dirigentes, tudo isso levou ao que se viu na Inglaterra – um fracasso total, vergonhoso.” (NASCIMENTO, 2006, p. 148)

Para 1970, “[...] as lições de 1966 tinham sido aprendidas: ele [João Havelange, presidente da CBD] estava trocando toda a comissão técnica.” (NASCIMENTO, 2006, p. 173). Assim como Tostão, Pelé enxerga as mudanças na administração da Seleção Brasileira como reflexos do fracasso em terras inglesas. Ainda segundo Pelé, “[d]epois do desastre de 1966, só perderíamos dessa vez se fôssemos superados por um time melhor, não por falta de preparação ou de ponderação sobre nossas táticas.” (NASCIMENTO, 2006, p. 177) Tal afirmação pode ser interpretada como um elogio indireto ao processo preparatório pré-Copa, em 1970.

3.7.2.2 Política

O “Rei do Futebol”, como é conhecido, relata brevemente, como que por obrigação, sobre como enxergava as relações entre o regime e o futebol brasileiro:

Na ocasião circularam comentários críticos sobre a ditadura estar usando o futebol em seu próprio benefício. Como jogador, não senti nenhuma pressão política por parte do governo, embora alguns integrantes da comissão técnica fossem militares, como o capitão reformado do Exército Cláudio Coutinho. A certa altura de nossa preparação, ele havia dito que era importante vencermos porque isso acalmaria o povo. (NASCIMENTO, 2006, p. 192)

A afirmação acima contém uma suposta declaração polêmica do capitão Cláudio Coutinho, além de revelar que, diferentemente da interpretação de Tostão, Pelé tinha consciência que informações (“comentários críticos”) circulavam já na época da ditadura. Pelé se esquivava de maiores argumentações, possivelmente evitando mais polêmicas envolvendo sua imagem. É importante ressaltar que Pelé é visto com antipatia por parte da imprensa esportiva⁶⁰(fora de campo, em suas convicções pessoais), sendo tratado como apoiador do regime militar; seja por ter se declarado contra o “comunismo” (inimigo idealizado do regime), seja por ter apoiado Médici na inauguração de um hotel brasileiro no México (logo após a Copa do Mundo de 1970) ou por ter ajudado João Havelange em sua campanha para presidência da FIFA, entre outros episódios.

3.7.2.3 Médici

Pelé discorre um pouco sobre o interesse de Médici pelo selecionado canarinho, a começar pelo seguinte episódio, que segundo ele, ocorreu após a conquista da Copa do Mundo: “[a]lguns de nós recebemos um telefonema do general Emílio Médici, presidente do Brasil. [...] Médici, que estava no poder desde 1969, era conhecido como fã de futebol. (NASCIMENTO, 2006, p. 191). Além disso, a calorosa recepção à delegação brasileira, após a conquista, é lembrada com bons olhos por Pelé, conforme os termos grifados por mim em seu depoimento:

⁶⁰ Ver: Com ‘imensa satisfação’, Pelé serviu Médici no ano do tri. *ESPN*, 27 ago. 2014. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/435393_com-imensa-satisfacao-pele-serviu-medici-no-ano-do-tri
<Acesso: 03 jun. de 2020>

Médici nos cumprimentou de novo, agora pessoalmente, alguns dias depois, quando fizemos uma escala em Brasília no vôo de volta pra casa, para uma recepção triunfal no Palácio da Alvorada. Ele fez um discurso comovente sobre o orgulho e a alegria que sentia por termos trazido a taça para casa: é claro que enxergava algum capital político na hegemonia do futebol brasileiro – boa propaganda para o país e para o seu governo –, mas também ficou evidente que era um amante do futebol, além de um patriota, e no fundo estava mesmo encantado com a nossa vitória. (NASCIMENTO, 2006, p. 191-192, grifo meu)

3.7.2.4 Saldanha

Pelé define Saldanha como um homem inteligente, divertido e de “língua afiada”, ao mesmo tempo “eloquente e durão”, que lhe dava conselhos sobre como lidar com a imprensa. “O rei” também comenta sobre os fatores conjunturais que levaram a demissão do treinador:

Como ele não aguentava críticas, seu relacionamento com os antigos colegas da imprensa se deteriorou. Gostava de uma bebida, e começou a se comportar de maneira extravagante nas convocações. Corria também uma história de que tinha ameaçado o treinador do Flamengo com uma arma. Uma briga que teve com certeza, e que só podia perder, foi com João Havelange. (NASCIMENTO, 2006, p. 174)

Os atritos de Saldanha com o próprio Pelé são descritos com parcimônia:

Afirmou [...] que eu teria de sair do time porque não enxergava direito. [...] Nos exames médicos constatou-se um grau mínimo de miopia. Mas uma porção de jogadores é um pouquinho míope, e no meu caso, pelo menos, isso nunca foi problema. (NASCIMENTO, 2006, p. 174)

Apesar dos atritos, o autor não demonstra reter mágoas para com o antigo treinador, inclusive declara que o ponto forte da seleção de 1970 foi o entrosamento, que vinha das convocações de Saldanha. “Nosso ponto forte era que o coração do time de Saldanha permanecia o mesmo.” (NASCIMENTO, 2006, p. 176).

O Rei também relata de forma protocolar a principal polêmica envolvendo o “pitaco” de Médici sobre a escalação do jogador Dario e, em seguida, “desconversa” sobre o assunto:

Chegara mesmo a causar um certo mal-estar na seleção dizer, antes da Copa do Mundo, que queria ver no time o seu jogador favorito, o Dadá Maravilha. Assim são as coisas no Brasil: antes de uma Copa do Mundo, todo mundo

quer dar o seu palpite, até o presidente da República. (NASCIMENTO, 2006, p. 191)

Já sobre a chegada de Zagallo, Pelé discorre pouco sobre a contribuição do técnico e somente relata a experiência deste, que era seu ex-companheiro de seleção, definindo-o como um “um homem sério, honesto e trabalhador.” (NASCIMENTO, 2006, p. 175).

3.7.2.5 Planejamento científico

Pelé é parcimonioso com relação ao *Planejamento México*, citando-o da seguinte forma:

A preparação foi muito profissional [...]. O suporte científico era o melhor possível – tão sofisticado, na verdade, na sua análise detalhada da fisiologia dos jogadores, que caçoavam de nós em alguns lugares, provavelmente porque levávamos as coisas a sério demais. (NASCIMENTO, 2006, p. 176-177)

3.7.3 Rivellino

Roberto Rivellino foi um protagonista fundamental nos gramados do México, em 1970. “Riva” destacou-se por seu vigor físico e seu chute potente, conhecido como “patada atômica”. Foi escolhido para compor o escopo do trabalho justamente por ser um dos poucos tricampeões do mundo a ter um relato de vida impresso. A biografia, escrita pelo jornalista Maurício Noriega, *Rivellino* (2015), contém capítulos bem enxutos e com muitas imagens, o que limita o seu conteúdo para análise. Na obra, a carreira de Rivellino nos clubes é o foco principal, sendo ilustrada por pequenos depoimentos do craque em primeira pessoa. Além disso, em muitos capítulos da obra, o conteúdo é composto por terceiros, atletas e amigos que falam sobre “o reizinho do parque” (como era conhecido pela crônica e pelos torcedores do clube Corinthians). Por estes motivos, não contém muitas reflexões do craque para além do “campo e da bola”.

3.7.3.1 1966

Não há reflexões do craque sobre o impacto da Copa de 1966 na administração da Seleção Brasileira, até mesmo porque Rivellino não participou da lista final de convocados para aquela Copa do Mundo daquele ano. O que se encontra na obra é um trecho do biógrafo sobre a opinião de Rivellino: “Um dos aspectos destacados por Rivellino para o sucesso em 1970 foi a chance de recuperação apresentada para jogadores como Gérson e Carlos Alberto, por exemplo, que participaram do fracasso do time em 1966”. (NORIEGA, 2016, p. 61)

3.7.3.2 Política

Rivellino é sintético quando indagado por Noriega sobre a relação do regime militar com a seleção:

“A gente estava lá para jogar futebol. Não havia pressão por parte do governo também. [...] O que eu como jogador, o que a seleção poderia resolver? Na rua era uma coisa, no estádio era outra. Eu acho que não se deve misturar.” (RIVELLINO *apud* NORIEGA, 2016, p. 61)

Rivellino sugere certo incômodo com o assunto. Assim como Pelé, é bem sucinto e desconversa sobre a relação. É reproduzido certo estereótipo segundo o qual os jogadores de futebol no Brasil posicionam-se “apoliticamente”, dizendo que o campo esportivo e o político não se misturam.

3.7.3.3 Médici

A passagem de *Rivellino* sobre o general-presidente vai ao encontro do relato de Pelé sobre as ligações telefônicas realizadas pelo Chefe de Estado a membros do elenco:

Nos cinco jogos que fizemos em Guadalajara, em todos, depois que a gente voltou para a concentração, eu recebi telefonemas do Médici [...]. Havia muitos militares na delegação. O [major-brigadeiro] Jerônimo Bastos, que era o chefe da delegação, me chamava e dizia que o presidente queria falar comigo. Era aquele papo de sempre, ‘vamos ganhar’ etc. Ele falava ‘parabéns’, aquele papo de torcedor mesmo. [...] Nas conversas com o

Médici, pelo menos comigo, ele nunca tocou no assunto de política. (RIVELLINO *apud* NORIEGA, 2016, p. 61)

A imagem de Médici como torcedor de futebol também é alimentada no depoimento do jogador, assim como, novamente, as pressões políticas diretas são descartadas.

3.7.3.4 Saldanha

Sobre o treinador e a polêmica de sua contratação e demissão, existem na obra somente comentários do biógrafo (Noriega), reproduzindo a tese dos motivos políticos para a substituição de Saldanha por Zagallo, chamando o primeiro de “contestador” e o segundo, ironicamente, de “patriota”. Por não expressar o depoimento ou a opinião do jogador, optei por não redigir a citação.

3.7.3.5 Planejamento científico

Não há relatos do biógrafo nem do jogador a respeito da preparação para a Copa do Mundo de 1970, nem de sua influência no desempenho da equipe.

3.7.4 João Havelange

Apesar de não ser um protagonista como os outros mencionados nesta Seção, iminentes representantes do “campo e da bola”, Jean-Marie Faustin Godefroid Havelange, ou simplesmente João Havelange, foi importante protagonista dos bastidores da Seleção Brasileira de 1970. Ele foi o homem que comandou o futebol brasileiro desde a primeira conquista da Copa do Mundo, no ano de sua ascensão à presidência da CBD, em 1958, e só deixou o cargo para “alçar voos maiores”, em 1973, quando foi eleito para presidência da FIFA, onde comandou o futebol mundial por 24 anos. Utilizou amplamente as conquistas da Seleção Brasileira para sua própria popularidade e também contou com a imagem do astro Pelé, para compor a sua campanha para a eleição à presidência da FIFA.

Por ocupar o cargo decisivo na interlocução entre o governo e o esporte mais popular do país, Havelange se torna peça chave para se entender a relação do governo militar com o futebol brasileiro. Mesmo que sua biografia, escrita pelo jornalista Ernesto Rodrigues, intitulada *Jogo Duro* (2007), tenha sido “autorizada” e contenha claramente um tom de ressignificação e valorização de sua própria imagem (muito poluída após sucessivos escândalos de corrupção), alguns bastidores “escancarados” revelam pistas aos pesquisadores que porventura utilizarem tal material e, por que não, também contam a sua versão da história. A redação segue a narrativa do biógrafo e contém diversos depoimentos de Havelange em primeira pessoa, assim como de pessoas próximas ao dirigente.

3.7.4.1 1966

A contragosto, segundo é relatado em sua biografia, Havelange foi o chefe da delegação brasileira no fracasso de 1966. A parceria com Paulo Machado de Carvalho se arruinara naquele ano, diferentemente do que ocorrera nas duas Copas do Mundo anteriores, onde Havelange ficara restrito ao cargo de presidente da CBD e Paulo Machado era o homem designado para comandar a delegação da seleção na Copa. Assim, a receita que levou a seleção ao seu bicampeonato mundial estava arruinada, segundo Havelange, por uma briga interna na instituição, obrigando-o a assumir a função que antes apenas delegara e, conseqüentemente, instaurando uma crise que começou na administração e terminou no conhecido desempenho pífio naquele torneio.

Em 1966, ocorreu o primeiro grande fracasso administrativo de Havelange. Em meio a uma crise política na CBD que culminou na saída de seu homem de confiança (Paulo Machado) à frente da delegação brasileira que embarcou para a Inglaterra, instaurou-se uma crise na Seleção, desde a maciça convocação de jogadores, a desorganização da comissão e a criticada ida de um preparador físico que era parente da esposa de Havelange. Resultado: após a derradeira lesão de Pelé, obteve-se um dos piores desempenhos da Seleção em Copas. (JORGE & CORNELSEN, 2020, p. 1)

Havelange, apesar de não negar a responsabilidade final pelo desempenho (embora a comissão técnica comandada pelo técnico Vicente Feola, tenha tido papel fundamental na crise, no episódio da convocação megalomaniaca antes do torneio), alega que a arbitragem favorecera os ingleses e negligenciara a violência praticada

contra os demais adversários, em especial, o Brasil: “Havia um desejo muito grande de que o Brasil não fosse tricampeão [...] A arbitragem não foi condizente. E o futebol foi violento.” (HAVELANGE *apud* RODRIGUES, 2007, p. 105)

3.7.4.2 Política

Apesar de alegar em toda a sua biografia que “fazia esporte e não fazia política”, Havelange era um hábil “político”, no sentido literal do termo, na maneira de se relacionar com os diversos líderes e autoridades pelas quais intermediou o poder do futebol e os interesses em seu entorno. Para seus pares, a principal característica de Havelange era “transitar com desenvoltura e suavidade pelos corredores do poder, independentemente do partido, do regime, do rei ou do ditador da vez.” (RODRIGUES, 2007, p. 73).

No comando da seleção, Havelange relata que foi coagido pelo governo Costa e Silva a aceitar o projeto da Loteria Esportiva. O dirigente alega que não queria envolver a CBD naquele projeto do governo e que tentou argumentar com o ditador, porém, reproduzindo o que teria sido a fala de Costa e Silva, resume a coação: “[...] o presidente da República lhe determina que traga, em até 48 horas, toda a documentação.” (HAVELANGE *apud* RODRIGUES, 2007, p. 98).

Havelange, apesar de ser alvo (não por acaso) por excelência da crítica jornalística por seus envolvimento em diversos escândalos de corrupção⁶¹, corrobora a tese de intervenção do governo militar no futebol, pelo menos no caso da Loteria Esportiva.

Já no que diz respeito à interferência direta na seleção de 1970, o dirigente é enfático:

“Nunca recebi na CBD interferência da Revolução.⁶² Na Copa de 1970, quem chefiou a comissão técnica foi Antônio do Passo. Na parte da delegação em si

⁶¹ Ver Futebol bandido 2: nos anos Havelange, cultura de corrupção invadiu a FIFA, *UOL Esporte*, 04 fev. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/futebol-bandido-2---nos-anos-havelange-cultura-de-corrupcao-invadiu-a-fifa/> <Acesso : 20 mai. 2020.>

⁶² Não é segredo que Havelange, em sua opção por chamar a ascensão dos militares ao poder de “Revolução”, indica o seu posicionamento ideológico. Porém, alega que suas relações administrativas e convicções pessoais não se imiscuíram: “Eu não tive nada a ver com o AI-5, não tive nada a ver com a

foi o brigadeiro Jerônimo Bastos, mas ele era um homem de esportes da Aeronáutica, diretor da CBD e militar reformado na ocasião” (HAVELANGE *apud* RODRIGUES, 2007, p. 126)

Outro ponto obscuro na militarização da delegação de 1970 é a figura do major Guarany, visto por alguns analistas, conforme destacado na Seção anterior, como o principal “olheiro” do alto escalão do regime inserido naquela seleção. Na obra analisada, a respeito deste militar, Rodrigues (2007, p. 126) somente cita a suposta função de Guarany como secretário de Jerônimo Bastos e o seu “culto à disciplina”.

3.7.4.3 Médici

O presidente é citado como um dos Chefes de Estado com os quais Havelange teve um ótimo relacionamento e proximidade, sendo que o dirigente confirma a máxima de que “[o] presidente Médici era torcedor de futebol” (HAVELANGE *apud* RODRIGUES, 2007, p. 121).

Sobre a intervenção do general na convocação de Dario, Havelange completa: “[e]le gostava de futebol, mas nunca interferiu nem fez qualquer pedido. A história do Dario é conversa.” (HAVELANGE *apud* RODRIGUES, 2007, p. 121)

Nesta interessante passagem, o caráter “camaleônico” de Havelange é reforçado mais uma vez, numa tentativa clara de dissociar quaisquer vínculos especiais com o regime militar:

Médici, como JK e Jango, queria receber o time em Brasília. E Havelange, com a mesma presteza que exibiu no governo presidencialista de Juscelino e no parlamentarismo de fachada do conturbado governo Goulart, fez do desejo do presidente, agora um ditador, uma ordem. (RODRIGUES, 2007, p. 128)

Na obra analisada, o esforço em atender aos Chefes de Estado e negociar interesses diversos estava na pauta do dirigente carioca da mesma forma como em qualquer época anterior ou posterior ao regime militar brasileiro.

Revolução. Eu respeitei o regime que havia no país, que era minha obrigação como cidadão. Se foi bom ou ruim eu nada pude fazer.” (HAVELANGE *apud* RODRIGUES, 2006, p. 129)

3.7.4.4 Saldanha

Segundo Havelange, a contratação de Saldanha teve como responsável o diretor de futebol da CBD, Antônio do Passo, mesmo assim, sobre o alerta de que possivelmente iria “dar dor de cabeça”. Desta forma, o dirigente se esquivou da teoria de que teria sido o responsável direto pela contratação e que esta seria parte de um plano para acalantar a crítica jornalística.

Sobre a demissão do técnico gaúcho três meses antes do torneio mundial, Havelange confirma que o ambiente já estava insustentável para João: a ameaça ao técnico do Flamengo, problemas com álcool, resultados ruins e a declaração descabida na qual Saldanha insinuou que Pelé teria problemas de visão.

Já no episódio sobre a reunião com o então ministro Jarbas Passarinho (o que para alguns analistas seria a prova cabal da intervenção militar no escrete), antes da demissão de “João sem-medo”, o dirigente afirma que não recebeu ordens expressas para a demissão do treinador, dizendo que fez “apenas um relato sobre a situação da seleção.” (HAVELANGE *apud* RODRIGUES, 2007, p. 118).

3.7.4.5 Planejamento científico

Ainda pressionado pelo fracasso de 1966, Havelange decidiu alterar toda a comissão técnica e aprimorar o preparo físico da seleção, uma vez que o condicionamento físico também havia sido um ponto bastante criticado na Copa da Inglaterra.

Nesse sentido, o dirigente alega que escolheu a comissão com diversos militares por se tratar dos profissionais mais bem preparados para o cargo naquele momento, ou seja, por critérios técnicos, e Rodrigues (2007) completa ainda que Havelange “[...] não deu a menor importância ao fato de a maioria dos centros de excelência da educação física do Brasil, na época, funcionarem em locais onde havia guaritas e se batia continência” (RODRIGUES, 2007, p. 125).

Havelange também tratou de incumbir ao capitão Cláudio Coutinho a tarefa de passar uma temporada nos Estados Unidos aprendendo o método de preparação do

renomado professor Kenneth Cooper. Portanto, a biografia de Havelange dá a entender que ele foi um dos arquitetos na implementação do *Planejamento México*.

Em suma, nesta Seção, procurei explicitar os fatos que recebiam destaque à época e as opiniões contidas nos artigos da revista *Placar*. Posteriormente, as versões dos protagonistas trazem as reflexões posteriores destes atores sobre o ocorrido. Como um todo, os relatos memorialísticos da imprensa e os relatos de vida versam sobre os mesmos assuntos listados na discussão acadêmica, quais sejam: os reflexos da Copa de 1966, a relação do regime para com a Seleção Brasileira, o planejamento científico exemplificado no *Planejamento México*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de o futebol acabar como um pano de fundo deste trabalho, os dribles de Tostão, as arrancadas de Jairzinho, o conjunto da obra de Pelé, as “bombas” de Rivellino, os “tapas” de Gérson, a segurança de Piazza, o vigor de Brito, a técnica de Clodoaldo e todas as demais contribuições dos craques da Seleção Brasileira de 1970 me acompanharam nesta jornada. A cada leitura e relato, me encontrava revendo os lances e as entrevistas dos atletas. A Seleção Brasileira de 1970, idealizada na memória coletiva, usurpada em sua imagem pelo regime, debatida milhares e milhares de vezes nas mesas redondas do esporte, realmente tornou-se um ícone. Porém, como relata Tostão (2016), “a perfeição não existe”.

Ao considerar o balanço sobre a literatura acadêmica, a cobertura da imprensa esportiva representada pela revista *Placar* e o relato dos protagonistas, nota-se que a única unanimidade entre as versões se encontra nos reflexos diretos do mau desempenho da Copa do Mundo de 1966, no esforço administrativo de organização e modernização da Seleção Brasileira e sua consequente e bem sucedida implementação no *Planejamento México*. A ciência, introduzida ao desempenho esportivo, contou com a participação de diversos militares, que, ao mesmo tempo, eram acadêmicos de Educação Física e referências em suas áreas. A relação de imposição direta do regime na comissão técnica militarizada é de difícil constatação. A maioria dos acadêmicos consultados corrobora a tese de que era uma intervenção direta na seleção, fazendo parte de um projeto maior de controle. Já para o protagonista Havelange e para os pesquisadores Salvador & Soares (2009), a escolha dos profissionais do Exército se deu mais em função da *expertise* e competência dos mesmos do que pelo fato de serem militares.

Em paralelo a esta “unanimidade” das narrativas, as relações do presidente Médici com o futebol e, em especial, com a seleção, são muito dissonantes. A suposta intervenção do general na escalação do jogador Dario e na consequente demissão de Saldanha, aparece reproduzida por diversos acadêmicos, amparada nas alegações do próprio João Saldanha. A imprensa esportiva, à época, teceu críticas claras a demissão do treinador e o suposto “interesse” dos militares na Seleção, enquanto os protagonistas

relatam que não houve tal interferência. Fato é que não foram encontrados indícios claros sobre o que de fato ocorreu em tal evento, sendo observado maior apoio dos protagonistas à versão conjuntural do processo de demissão, ou seja, o comportamento efervescente do treinador e os maus resultados nos amistosos preparatórios. Outro ponto evocado entre as fontes é o do interesse particular de Médici pelo futebol. Críticos reproduzem a tese de que ele fingia interesse como mera intenção propagandística e utilitária, outros, como os protagonistas e a imprensa à época, atestam que o presidente era mesmo um torcedor “de carteirinha”. Nota-se que há um choque de narrativas quanto à figura do ditador Emílio Médici, tanto em seu interesse supostamente genuíno pelo futebol, quanto por sua interferência direta na Seleção Brasileira.

Segundo os relatos da revista *Placar*, havia um interesse governamental na Seleção Brasileira, exemplificado em diversas matérias que insinuavam tal relação (como é sugerido e criticado na substituição de João Saldanha por Zagallo) ou registravam pontualmente alguma intervenção, como no caso das premiações aos atletas. As análises de conteúdo corroboram o retratado na discussão acadêmica. É importante ressaltar que não foi possível mensurar o nível de censura à qual o periódico estava submetido e, portanto, sobre a influência desta coerção nas opiniões do corpo editorial. Pesquisas futuras poderiam elucidar tal questão entrevistando membros do corpo editorial da revista, que trabalharam no período citado.

Portanto, enquanto as fontes bibliográficas e a análise da imprensa esportiva sugerem uma relação próxima do regime militar para com a Seleção Brasileira de 1970, todos os protagonistas consultados negam a influência em seus relatos de vida. Assim, analisando as versões dos protagonistas, ficam evidentes algumas tensões e *silenciamentos* [segundo o conceito de Pollak (1989)] nos relatos sobre a *Política* e as suas relações pessoais para com o regime militar no ambiente da Seleção Brasileira. Nota-se um incômodo ou tentativa de se esquivarem de tal assunto, possivelmente em função do que se sabe atualmente sobre o regime (quase quatro décadas após o seu término) e das críticas que tais protagonistas recebem por não terem se posicionado contra os desmandos e abusos do governo militar à época.

Em suma, os pontos mais claros encontrados em todo o material analisado, sobre a relação do regime militar com a Seleção Brasileira, foram o uso da imagem da

conquista pelo regime (via AERP) e seu ideal ufanista e os prêmios e regalias concedidos aos atletas com dinheiro público. Há também a criação, a divulgação e utilização dos recursos da Loteria Esportiva, ligados ao PNE, porém, mais ligados ao interesse no futebol como um todo e não somente na seleção. Nos demais pontos analisados, existem mais versões conflitantes do que fatos verificáveis.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRINATI, Francisco Ângelo. “Hurrah! aos patricios!”: Fragmentos de uma imprensa de exaltação à Seleção Brasileira no Sul-Americano de 1919. *Arquibancada*, v. 117, p. 1-6, 21 mar. 2019 (2019a). Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/hurrah-aos-patricios-fragmentos-de-uma-imprensa-de-exaltacao-a-selecao-brasileira-no-sul-americano-de-1919/> <Acesso: 23 mai. de 2020>.

BRINATI, Francisco Ângelo. Combinado Paulista versus All-White: 1906 e a imprensa patriótica em torno de um selecionado de futebol. *Arquibancada*, v. 122, p. 1-4, 22 ago. 2019 (2019b). Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/combinado-paulista-versus-all-white-1906-e-a-imprensa-patriotica-em-torno-de-um-selecionado-de-futebol/> <Acesso: 23 mai. de 2020>.

BRINATI, Francisco Ângelo. Os violentos profissionais ingleses: Exeter City F.C. e a cobertura da imprensa nos jogos antes da Seleção Brasileira (1914). *Arquibancada*, v. 128, p. 1-4, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/os-violentos-profissionais-ingleses-exeter-city-f-c-e-a-cobertura-da-imprensa-nos-jogos-antes-da-selecao-brasileira-1914/> <Acesso: 23 mai. de 2020>.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo Caminho*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. *A Bola e o Chumbo: futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira*. 2014. 163 f. Dissertação (Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

CORDEIRO, Janaina Martins. *Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici*. Estudos Históricos [online], vol.22, n.43, p. 85-104, 2009.

CORNELSEN, Elcio Loureiro; JORGE, Matheus Marinho. Quando a preparação faz a diferença: o “Planejamento México” e a Seleção Brasileira de 1970. *Arquibancada*, v. 131, p. 1-4, 2020. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/quando-a-preparacao-faz-a-diferenca-o-planejamento-mexico-e-a-selecao-brasileira-de-1970/> ; Acesso em: 02 mai. de 2020.

DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais do que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMATTA, Roberto. *Futebol: Ópio do Povo x Drama de Justiça Social*. Novos Estudos, v. 1, n. 4, p. 54-60, 1982.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. *Diário de Pernambuco*, 17 jun. 1938. Disponível em: https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto_freyre.pdf <Acesso: 02 mai. de 2020>

GASPARI, Elio. *As ilusões armadas: a ditadura escancarada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; MENDES, Bárbara Gonçalves; NAIFF, Denis Monteiro Giovani. "Salve a seleção": ditadura militar e intervenções políticas no país do futebol. *Psicologia e Saber Social*, v. 3, n. 1, p. 144-153, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/12211>; Acesso em: 25 mai. 2020.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Uma efeméride esportiva em questão: os 50 anos da Copa de 1970 (parte I). *Arquibancada*. São Paulo, v. 130, n. 15, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/50-anos-da-copa-de-1970/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

JORGE, Matheus Marinho; CORNELSEN, Elcio Loureiro. João Havelange: a vida do cartola mais poderoso e polêmico do futebol brasileiro. *Arquibancada*, v. 128, p. 1-4, 2020. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/joao-havelange-a-vida-do-cartola-mais-poderoso-e-polemico-do-futebol-brasileiro/> <Acesso: 23 mai. de 2020>

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Tese (Doutorado em História), Niterói: UFF, 2013.

MALAIA, João. Placar: 1970. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de (orgs.). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

MURAD, Mauricio. *A violência no futebol*. São Paulo: Benvirá, 2012.

NASCIMENTO, Edson Arantes do. *Pelé: a autobiografia*. red. Orlando Duarte e Alex Bellos, Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

NORIEGA, Maurício. *Rivellino*. São Paulo: Contexto, 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: Editora FGV, vol.2, n.3, 1989.

RODRIGUES, Ernesto. *Jogo duro: a história de João Havelange*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RODRIGUES, Nelson. Guerra suja, tão suja [O Globo, 19 mar. 1970] In: RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 161-164, aqui p. 163.

SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. *A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas: Autores Associados, 2009.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SARMENTO-PANTOJA, Carlos Augusto. O futebol e as ditaduras nos tempos do Condor. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 80-100, 2018.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; SALVADOR, Marco Antonio Santoro; BARTHOLO, Tiago Lisboa. O “futebol arte” e o “planejamento México” na copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa. *Movimento*. Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 113-130, set./dez. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2852>. Acesso em: 13 abr. 2020.

TOSTÃO. *Lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol*. São Paulo: DBA, 1997.

TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.